

Sandrina Vanessa Ferrás Matias de Aguiar

Nº: 21564

Tema: Influências da Internet na Vitimação Sexual

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Célia Ferreira

Setembro, 2014

AGRADECIMENTOS

Atingida mais uma meta na minha vida e no meu percurso acadêmico, não poderia esquecer de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram neste momento difícil mas especial, a ultrapassar todos os obstáculos e a realizar os meus objetivos.

Queria manifestar as minhas primeiras palavras de agradecimento à Professora Doutora Célia Ferreira, minha orientadora (Dissertação Mestrado), por todo acompanhamento, dedicação, compreensão, apoio, incentivo, e orientação ao longo da realização da minha Dissertação de Mestrado.

Agradeço também aos docentes do Mestrado pelos ensinamentos, pelo ambiente de partilha que me demonstraram, em particular ao meu coordenador de Mestrado de Psicologia da Justiça.

A todos os alunos do Ismai que demonstraram disponibilidade para participarem na concretização da minha investigação.

Não esquecendo da minha família incluído os meus pais e a minha irmã, que acreditaram sempre nas minhas capacidades e manifestaram sempre orgulho em mim, onde depositaram coragem e confiança para alcançar todos os meus sonhos, incentivando sempre a lutar pelos meus objetivos.

Agradeço também ao meu namorado e às minhas amigas que estiveram presentes nos momentos mais difíceis em que pensei que não ia conseguir terminar a dissertação, pelo carinho, força e paciência que possuíram.

A todas as pessoas devo os meus sinceros agradecimentos, por tudo o que fizeram por mim no decorrer desta caminhada. Muito obrigada!

Influências da Internet na Vitimação Sexual

RESUMO

A internet é, atualmente, o meio de comunicação preferido dos jovens e dos adultos. Uma grande parte considera mesmo que não se pode passar sem este meio de comunicação.

Neste trabalho analisar-se-á a influência da internet na vitimação sexual. A internet é um meio de comunicação muito atrativo. Segundo Saraiva (2011) as qualidades da internet estão associadas aos valores do homem, e encontra-se baseada em uma das mais importantes características da internet que é a liberdade.

A internet também tem as suas desvantagens, pois encontra-se associada a comportamentos de risco.

Utilizou-se uma amostra constituída por um grupo de 111 estudantes do ISMAI, com idades compreendidas entre os 19 e os 62 anos. Recorreu-se a uma investigação quantitativa, sendo aplicado um questionário *online* CSEQ como instrumento de recolha de dados.

Os resultados demonstram que a internet é um meio facilitador de vitimação.

Podemos inferir que não tem havido, por parte da comunidade científica internacional ou portuguesa, produção científica abundante sobre o tema até à presente data, facto esse que motivou o presente estudo.

Internet Influences on Sexual Victimization

ABSTRACT

Internet is currently the preferred means of communication for young people and adults. Large parts even consider that one cannot do without this means of communication.

In this work the influence of the Internet on sexual victimization will analyze whether-. The internet is a very attractive means of communication. According to Saraiva (2011) the qualities of the internet are associated with human values, and is based on one of the most important characteristics of the internet that is freedom.

The internet also has its drawbacks, as it is associated with risk behaviors.

We used a sample consisting of a group of 111 students from ISMAI, aged between 19 and 62 years. We resorted to quantitative research, an online survey CSEQ being applied as a tool for collecting data.

The results show that the Internet is a medium facilitator of victimization.

We can infer that there has been, from the international scientific community or Portuguese, abundant scientific literature on the subject to date, a fact which motivated the present study.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO.....	1
I. INTERNET	
1. Utilização da Internet e das Redes Sociais	3
1.1. Exposição Não Autorizada na Internet	6
1.2. Sexualidade na Internet	8
II. REDES SOCIAIS E VITIMAÇÃO SEXUAL	
2. Vitimação Sexual <i>online</i>	12
2.1. Assédio e Riscos Associados	13
III. VITIMAÇÃO SEXUAL EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	
3. Vitimação Sexual á luz da Teoria das Atividades da Rotina	19
3.1. Estratégias de Autoproteção	23
IV. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	
4. Identificação do Design da Investigação	25
4.1. Objetivo	26
4.2. Metodologia.....	26
4.2.1. Instrumentos	26
4.2.2. Procedimentos da recolha de dados.....	27
4.2.3. Participantes.....	28
4.3. Resultados.....	34
DISCUSSÃO	40
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	
Anexo 1. Questionário Experiências na Internet	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura I. Identificação de Design de Investigação	25
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico I. Sexo.....	29
Gráfico II. Estado Civil	30
Gráfico III. Idade	30
Gráfico IV. Curso	31
Gráfico V. Ano que está a frequentar	32
Gráfico VI. Nacionalidade.....	32
Gráfico VII. Naturalidade	33
Gráfico VIII. Envolvimento Amoroso Atual.....	33
Gráfico IX. Piadas ou comentários ofensivos	34
Gráfico X. Estabelecimento de um relacionamento romântico e/ou sexual, mesmo sabendo que a outra pessoa não queria.....	35
Gráfico XI. Emissão de comentários por forma a inferiorizar as mulheres	35
Gráfico XII. Pedido para conhecer ou para ter um encontro mesmo depois de a outra pessoa lhe ter dito que não.....	36
Gráfico XIII. Observações obscenas e/ou “sujas” sobre as mulheres em geral	37
Gráfico XIV. Encaminhamento de um vídeo ou de uma imagem obscena.....	37
Gráfico XV. <i>Sites</i> pornográficos	38
Gráfico XVI. “ <i>Pop-up</i> ”	39

LISTA DE ABREVIATURAS

CSEQ – Cyber-Sexual Experiences Questionnaire

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

ISMAI – Instituto Universitário da Maia

SEQ – Sexual Experiences Questionnaire

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

TIC – Tecnologia Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

A internet é considerada um produto social e um local de amplas interações sociais, uma vez que esta pode mudar radicalmente a sociedade e a vida real dos indivíduos, promovendo e facilitando uma audiência global em rede que o mundo *offline* não permite (Brickell, 2012).

Através da literatura, que se verifica que os TIC permite não só aos homens mas também as mulheres, de várias faixas etárias, uma notória liberdade para se comprometerem em relacionamentos e explorarem a sua sexualidade fora dos habituais papéis e estereótipos de género prescritos que funcionamento de comunicações frente a frente. Segundo Powell (2010) um dos fenómenos em crescimento, é sem dúvida o registo dissimulado e o *posting* de imagens de vídeo de encontros.

A vitimação sexual *online* refere-se a atos de violência sexual a nível psicológico (e.g., assédio sexual) e físico (e.g., violações), que podem ser originados pela internet, sendo a internet é um facilitador de vitimação.

A vitimação *online* pode atingir várias proporções no meio social. Trata-se de um tema com elevada importância uma vez que se encontra presente no meio urbano, despertando em grande escala a adesão, incluindo crianças, adolescentes, e jovens-adultos. São vários os indivíduos que recorrem à internet, tendo estes vários aspetos positivos e vários aspetos negativos. Apresenta, ainda, várias perspetivas que podem, ou não, ser derivadoras de várias consequências negativas, originando, por vezes, o comportamento sexual.

A vitimação sexual pode acontecer em qualquer contexto, mas esta pode ser vivenciada em contexto *online* devido a utilização excessiva da internet do grande número de indivíduos (Kennedy & Taylor, 2010).

O ciberespaço, é um canal de comunicação, que possibilita a conversação de várias pessoas de todo o mundo, sem que seja necessário conhecer ou dar qualquer informação acerca das mesmas (Lévy, 1999). Daí a internet ser considerada um dos meios mais atrativos a nível mundial.

Efetivamente a internet juntamente com as tecnologias móveis são consideradas ferramentas para a exploração a nível sexual (e.g., pornografia amadora ou profissional) (Barak, 2005).

A internet também está associada a violência sexual de género, uma vez que esta pode servir para humilhar e intimidar os indivíduos, principalmente do sexo feminino, ou seja, as mulheres são por vezes inferiorizadas através da internet (Powell, 2010).

Segundo Livingstone & Helsper, (2007) a juventude sente-se mais autoconfiante na internet, valorizando o anonimato online, são indivíduos que estão mais propensos a serem tímidos e a estarem menos satisfeitos com as suas vidas. A maioria desses jovens, pertencem a famílias com elevados níveis de conformidade em detrimento de famílias orientadas pela conversação.

Em termos de estrutura, o nosso estudo é constituído por quatro capítulos.

Em um primeiro capítulo faz-se o enquadramento teórico no que à internet se refere, nomeadamente, utilização da internet e das redes sociais e aprofundando também a sexualidade na internet.

Em um segundo capítulo abordou-se o tema da vitimação sexual nas redes sociais, nomeadamente, vitimação sexual *online* e assédio e riscos associados.

O terceiro capítulo consta da apresentação de literatura sobre vitimação sexual em contexto universitário utilizando a teoria das atividades de rotina, com o objetivo de perceber melhor os conceitos abordados (e.g., vitimação sexual à luz da Teoria das Atividades da Rotina e estratégias de autoproteção).

O último capítulo refere-se ao enquadramento metodológico. Aqui constam questões como objetivos do estudo, amostra, instrumentos, procedimentos.

De seguida apresentar-se-ão os resultados e far-se-á a discussão dos mesmos.

I. INTERNET

1. Utilização da Internet e das Redes Sociais

Os adolescentes e jovens adultos são considerados como a “geração net”, uma vez que representam uma camada etária e social, que mais utiliza o mercado das tecnologias de informação e da comunicação (TIC) (Australian Bureau of Statistics, 2007; Australian communications and Media Authority, 2007, 2008).

A internet é um dos meios de comunicação mais atrativos, uma vez que o computador transmite uma sensação de poder a quem o utilizá-la, pois é um meio de comunicação que permite um contacto privilegiado com os outros.

De facto, a utilização dos TIC tem-se revelado como um feito exacerbadamente evidente na vida contemporânea (Powell, 2010).

Os TIC são considerados mecanismos fundamentais de informação e comunicação, como os telemóveis e a internet, onde as redes sociais (como o *facebook* e o *myspace*), e os sites de vídeo (como o *youtube*) se apresentam como aliados privilegiados na dispersão das novas formas de informação e de comunicação (Powell, 2010).

São, os jovens e os adultos, entre os 14 e os 34 anos de idade que representam a maior proporção de comunicadores desse novo tipo de mercado (Acma, 2008). Esta utilização generalizada é ilustrativa de que a população jovem é pioneira nas novas formas de interação social e das novas culturas média (Okesman & Turtiainem, 2004).

A internet é o “espaço” onde cada indivíduo constrói a sua subjetividade, se torna quem é nas interações que este “local” tem promovido, sendo que muitos espaços *online* ajudam a constituir os *self* como sujeitos sociais (Brickell, 2012), pois tem a capacidade de prover às pessoas, novas vias de informação e de suporte, que incluem *websites* e grupos de auto-ajuda em uma variedade de áreas na saúde (Finn & Banach, 2000).

Contudo, a internet também constitui uma ferramenta que promove aconselhamento *online*, obtenção de *feedback* comunitário, e recursos *online* designados a promover a comunidade feminina tais como assuntos relacionados a elas (e.g., depressão, desordens alimentares, planeamento familiar, violência doméstica, monoparentalidade, e abuso sexual) (Finn & Banach, 2000).

Sendo assim, a internet, esta interligada a dois aspetos contraditórios. O primeiro que potencia comportamentos saudáveis e o segundo que potencia comportamentos de risco, considerados patológicos (Suler, 1999).

É desta forma, que as novas tecnologias têm aspetos construtivos e positivos que não devem ser esquecidos, tal como apresenta uma vertente destrutiva e com aspetos marcadamente negativos que bloqueiam, humilham, e aterrorizam, mas também apresenta uma vertente positiva a nível de progresso social (Barak, 2005).

Relativamente às redes sociais *online*, estas marcam a sociedade, uma vez que os indivíduos têm cada vez mais, uma presença mais ativa na *internet*, criando cada vez mais perfis e redes de “amigos” (e.g., como Facebook, Twitter) (Jorge & Antunes, 2011).

A definição de “rede social” refere-se a um grupo de indivíduos ou individuais, que se relacionam uns com os outros, através de trocas de informação (Alejandro & Norman, 2005 como citado em Jorge & Antunes). A “rede social *online*” são ferramentas *online* que permitem uma criação de um perfil via *online*, que tem como objetivo a construção de uma rede própria de cada cidadão, para assim se relacionar com outros cidadãos. (Jorge & Antunes, 2011).

Tem aumentado crescentemente o acesso às redes sociais, muitos deles utilizam a internet com o objetivo de desenvolver um par romântico e desenvolver a sua atividade sexual (Anderson, 2005; Carvalheira & Gomes, 2003; Donn & Sherman, 2002; Griffiths, 2000; Wolak, Mitchell & Finkelhor, 2002).

A utilização da internet tem aumentado, conseqüentemente, leva a uma maior propensão para que ocorram atos de desviância utilizando essa ferramenta de informação e de comunicação (Sckenk, 2008).

Existem práticas e técnicas na internet que parecem tornar os comportamentos antissociais mais comuns. A natureza interativa da internet reforça contingência, que aparentemente contribui para a manutenção e para a escalada desse tipo de comportamento (Rafaeli & Sudweeks, 1997).

Em segundo lugar, a problemática legal do estatuto da internet cria um ambiente onde quebrar a lei é comum (Hillet & Cohen, 2002; Lessig, 1999). A ausência de molduras legais claras, bem como o absentismo de autoridades visíveis, parece encorajar as pessoas com intenções criminais a fazerem o que gostariam de fazer (e não podem) em situações de contexto real (Barak, 2005).

O *cyber* espaço é caracterizado pela dominação de valores masculinos e comunicações agressivas, ou seja, é considerado um elemento de risco, uma vez que passa a mensagem de que os comportamentos antissociais são bem aceites (Barak, 2005).

Uma das teorias que está destacada em contexto *online* é sem dúvida a Teoria da Auto-Apresentação de Goffman (1959), que se apresenta ligada surge á interação social teatral e virtual, influenciando a utilização de *sites online* de encontros pode ter na identidade e na qualidade das interações sociais estabelecidas na rede e fora desta, tanto na vida virtual como na vida real (Hardey, 2002; Whitty, 2004, 2008).

As identidades e o *self* são construídos socialmente em espaços que para nós são mais significativos, como Goffman (1959) tem sugerido até então, é esperado que os contactos estabelecidos através de *sites* de encontros tenham impacto na construção de identidade e que facilita a mudança (Yurchisin, Watchravesringkan & McCabe, 2005) A internet induz mudanças psicológicas e sociais é perfeitamente aceitáveis (Chatfield, 2012).

Segundo Amichai-Hamburger & Hayat (2011); Kraut, Kiesler, Boneva, Cummings, Helgeson & Crawford (2002) internet tem um impacto positivo no bem-estar psicológico. Já Lanier, 2010; Marche, 2012; Turkle (2011), defende que a internet destabiliza os relacionamentos tal como em aspetos do processamento cognitivo (Carr, 2008, 2010).

A internet tem um ótimo potencial para empoderar minorias, que estão claramente em desvantagem, grupos sociais (e.g., mulheres, crianças, idosos, minorias étnicas, e pessoas que se encontram incapacitáveis) o *cyber* espaço é considerado perigoso para esses grupos sociais (Barak, 2005).

Desta forma, a tecnologia tem-se desenvolvido como uma chave-mediadora que facilita a (re) produção *self* e as identidades, onde se incluem as identidades sexuais, nas sociedades pós-modernas (Hall, 2000; Ho, 2003).

A comunicação feita na internet tem como objetivo dar-se a conhecer e conhecer outras pessoas para relacionamentos e para relações sexuais propriamente ditas (Nodin, Caballo-Diéguez & Leal, 2013).

No que respeita às oportunidades e riscos aos *online*, a internet é marcadamente reconhecida por estes dois aspetos que afetam as pessoas que a utilizam. O que se verifica é que os diferentes utilizadores da internet retirarão funcionalidades distintas

desta ferramenta (Larose, Mastro & Eastin, 2001) e, conseqüentemente, terão o impacto de diferentes oportunidades e riscos da utilização das tecnologias *online*.

Várias investigações têm se focado nos benefícios que a utilização da internet comporta (e.g., Clark, 2005; Leung, 2001), mas outras investigações atribuem maior atenção ao estudo dos riscos da utilização dessa ferramenta.

Para que possa haver um entendimento face ao que se passa no contexto *online* parece fundamental analisar aquilo que se passa no mundo *offline* ou na vida real, mas não é fácil a assunção da diferença entre estas duas dimensões da comunicação (Mcgerty, 2000; Slater, 2002).

Geralmente as relações sociais mediadas por ferramentas de comunicação, tais como os computadores, refletem ou estão associadas a relações que pessoas estabelecem na vida *offline* (Spears, Postmes, Wolbert, Lea & Rogers, 2000; Walther, 1996, Wellman, Quan, Haase, Witte & Hampton, 2001).

No entanto, é importante referir o facto de que estas novas tecnologias de terem um papel decisivo na difusão de material pornográfico/sexual, o que contribui também, para a distribuição em massa de imagens sexuais não autorizadas e de ataques/ameaças sexuais (Powell, 2010).

1.1. Exposição não autorizada na internet

Nos últimos anos têm surgido debates públicos acerca da utilização emergente do TIC na violação da privacidade e na procura não autorizada de imagens e de vídeos de cariz sexual, largamente designados como “*voyeurismo*” e violação da privacidade no espaço público (Bell, Hemmes & Steiner, 2006).

Existe um desenvolvimento de material pornográfico, através de telemóveis e internet, há comparativamente poucas publicações acerca da utilização dos TIC na distribuição desse tipo de material de forma não autorizada (Powell, 2010).

A sociedade tem se mostrado dividida acerca da perigosidade dessa exposição, provavelmente mais inclinada para a crença de que há algum malefício, no entanto, e infelizmente, há pouca evidência científica acerca desta importante matéria de interesse público (Powell, 2010).

O que a pesquisa científica tem demonstrado é que a exposição a pornografia violenta pode reforçar comportamentos agressivos ou atitudes negativas entre as

mulheres, particularmente entre aquelas que apresentam alguma predisposição para a agressividade (Allen & D'Alessio, 1995; Koop, 1987).

A maioria da pesquisa científica acerca desta matéria incide sobretudo sobre a exposição a material de cariz sexual de forma voluntária e antecipada. De facto, parece ser inexistente pesquisa científica acerca da exposição que surge como inesperada, indesejada, ou involuntária. No entanto, assume-se como dado *a priori* que alguma exposição involuntária tende a criar efeitos negativos nas pessoas, ao passo que a exposição voluntária não (Mitchell, Finkelhor & Wolak, 2003).

É evidente nas pesquisas que o perigo para a criança ou jovem se radica nos efeitos psicológicos adversos que causa, e também a nível moral e desenvolvimental como resultado de estar exposto a esse tipo de material (Mitchell *et al.*, 2003).

Uma das principais medidas de prevenção dessa exposição involuntária tem que ver com o *software* de filtro e bloqueio instalado por utilizadores nos computadores pessoais ou pela ativação de um servidor no acesso à internet. Portanto, este tipo de medida implica que haja um filtro às mensagens recebidas e enviadas, ao texto, ou às imagens contendo linguagem ou determinados termos, ao passo que bloqueia o acesso a uma lista de sites que se considera ser indesejáveis. Este tipo de *software* parece ser útil em lidar com problemas de regulação não resolvidos (Mitchell *et al.*, 2003).

Como principais resultados do estudo realizado por Mitchell *et al.*, (2003), salienta-se que cerca de ¼ da população jovem que utiliza regularmente a internet teve uma ou mais exposições indesejadas ou involuntárias a material de cariz sexual, sendo que mais de 3.0% dessas exposições ocorreram enquanto o jovem pesquisava ou navegava na internet. Além disso, 27.0% dessas exposições ocorreram durante a abertura do seu email pessoal, 67.0% ocorreram quando o jovem estava a utilizar a internet em casa, 15.0% ocorreram enquanto o jovem estava na escola, e 3.0% apareceram enquanto o jovem estava em uma livraria.

A juventude está mais propensa a esse tipo de exposição, 57.0% dos rapazes encontraram esse material sexual não desejado, da mesma forma que são os rapazes mais velhos a ter mais essa exposição não desejada. Além disso, os jovens mais propensos a estar expostos a conteúdos não desejáveis são aqueles que utilizam a internet com mais frequência, que utilizam salas de conversa, que falam com estranhos *online*, que enveredam por caminhos *online* de risco e que utilizam a internet para aceder ao seu correio eletrónico pessoal. Cerca de 39.0% dos casos em que há exposição indesejada, ao passo que 30.0% recorreram a um amigo ou par (Mitchell *et al.*, 2003).

Como conclusão deste estudo aponta-se para o facto de um em cada quatro jovens que utiliza habitualmente a internet encontrar material sexual de forma involuntária o que revela um elevado nível de exposição. Parece ser importante referir que a questão de a exposição ser voluntária ou involuntária é fundamental (Mitchell *et al.* 2003).

Os resultados deste estudo reportam que $\frac{1}{4}$ da amostra revela estar severamente afetada com a exposição de que foi alvo, ao passo que $\frac{1}{5}$ tem sintomas de *stress* relacionados com essa situação. Os efeitos da exposição não desejada revelam-se, sobretudo, nas atitudes sobre a sexualidade, atitudes acerca da internet, sentido de segurança e de comunidade sentido pelos jovens, criação de conflitos familiares, tensões geracionais, e efeito corrosivo a longo-prazo no desenvolvimento moral do jovem (Mitchell *et al.*, 2003)

Há várias medidas que podem e devem ser tomadas no sentido de se defenderem os jovens contra a exposição de material sexual de forma indesejada ou involuntária, nomeadamente, ter regras de utilização da internet, visualizar o ecrã frequentemente. Portanto, conclui-se que a grande responsabilidade de prevenção está radicada na mão dos progenitores (Mitchell *et al.*, 2003).

Como principais limitações deste estudo refere-se que os procedimentos de inquirição não foram estandardizados ou validados e que as medidas não foram avaliadas ou validadas. Efetivamente, o que se tem como evidência é a utilidade e a urgência de alguma pesquisa científico-social para informar e para reforçar as políticas governamentais de prevenção e de regulação nesta matéria (Mitchell *et al.*, 2003).

1.2. A sexualidade na Internet

O conceito de poder está interligado a questões relacionadas com sexualidade e internet (Brickell, 2012). O poder afigura-se como uma medida quando se trata de falarmos de representações de género, desigualdade, ou mesmo exploração. No entanto, o poder raramente tem sido teorizado explicitamente como tal (e.g., Albury, 2009; Brookey & Cannon, 2009).

O poder é, de facto, um agente promotor de desigualdade, sendo que a relação entre poder e sexualidade deve ser entendida e explorada sob as suas múltiplas dimensões (Brickell, 2009).

A sexualidade através da internet envolve uma fonte de poder com dimensões diversas: desde a dimensão construtiva, passando pela regulatória, à de desigualdade sendo que cada teórico assume um ponto de vista específico acerca do poder e das suas dimensões/aspectos (Brickell, 2012).

Davis, Hart, Bolding, Sherr & Elford (2006) defendem que existe uma relação entre a internet e a sexualidade, pois a tecnologia que é utilizada para a gratificação sexual, através de registo vídeo, telemóveis.

A subjetividade está em constante processamento e é ativamente negociada num conjunto de espaços, incluindo o digital. Efetivamente, os indivíduos construindo os self ou usando códigos linguísticos, desenvolvendo aspetos altamente simbólicos e específicos (Brickell, 2012).

Segundo Adam, 2001 a internet encontra-se associada a prática sexual, este assume que a internet influencia o comportamento, facilitando e criando de novos seres (Por exemplo, a internet esta ligada a comportamentos sexuais de risco (Liau, Millett & Marks, 2006; Mckirnan, Houston & Tolou-Shams, 2007).

As TIC são, considerados canais de expressão sexual (Hearn, 2008). Pois a internet tem vindo a reforçar normas tradicionais associadas com a intimidade, pode alterar a natureza dos relacionamentos pela criação de novas regras e de novas oportunidades (Barraket & Henry-Waring, 2008).

De facto, a internet pode conseguir criar possibilidades e oportunidades para os jovens explorarem novas experiências; pode abrir, por outro lado, novas formas de sexualidade e que, muitas vezes, leva ao entendimento de que a fantasia parece ser melhor do que a própria realidade (Nodin *et al.*, 2013).

O estudo realizado por Nodin *et al.*, (2013) de investigação foi levado a cabo com o objetivo de construir categorias de análise, onde se pode incluir: alteração sexual da autoperceção, não alteração sexual da autoperceção, e alteração da perceção dos outros. De entre alguns dos resultados mais importantes e interessantes deste estudo pode salientar-se que alguns participantes da amostra sugerem que a internet não é um mero veículo que aumenta o número dos parceiros sexuais, mas que pode afetar as experiências que derivam dessa possível situação (Nodin *et al.*, 2013).

Um outro aspeto a ter em consideração pelos participantes da amostra tem a ver com o número de parceiros como estando associado com mudanças em outros aspetos da sexualidade dos próprios participantes (Nodin *et al.*, 2013).

Por outro lado, há participantes a referir nesse mesmo estudo existência de novas possibilidades de relacionamento interpessoal/sexual que são facilitados pela utilização da internet. Utilizando a internet, ou outros meios de comunicação, os participantes da amostra reforçaram a ideia de que a sua utilização permitiu um aumento da sua autoconfiança para lidarem com o sexo em geral, o que muitas vezes também permite aos seus utilizadores descobrirem e aceitarem a sua orientação sexual (Nodin *et al.*, 2013).

Alguns participantes, por outro lado, referiram que os seus padrões de comunicação com os parceiros sexuais foram qualitativamente diferentes comparado com a sua experiência antes de utilizarem as TIC para se relacionarem com outros parceiros (Nodin *et al.*, 2013).

Outros participantes referiram, além disso, que pode haver uma excessiva utilização da internet para conhecer outros parceiros sexuais. Muitas vezes, para os utilizadores das novas TIC este passa a ser o cerne da sua existência, deixando de parte outras atividades da vida diária e outros interesses pessoais, sobretudo a nível de novas interações sociais fora do contexto virtual (Nodin *et al.*, 2013).

Muitas vezes, a experiência social promovida pela internet parece aumentar a suscetibilidade sobre os outros devido à falta de honestidade que a internet tende a proporcionar (Nodin *et al.*, 2013).

Carr (2008) é um dos autores que reforça a ideia de que utilização da internet está a mudar a sociedade constantemente.

Por outro lado, Turkle (2004) defende que a internet está a mudar as identidades das pessoas e sociedade pois interfere na forma de pensar, e na natureza da sexualidade dos indivíduos.

Tanto Turkle (2004) como Carr (2008) têm uma visão negativa acerca da utilização da internet perante a sociedade.

Carr (2010) ainda argumenta que, a utilização excessiva do Google, modifica as mentes dos indivíduos.

Uma das principais descobertas de Nodin *et al.*, (2013) é a de que há um aumento do número de parceiros sociais e sexuais.

Mettey, Crosby, Diclemente & Holtgrave (2003) sugerem que a internet pode abrir novos espaços virtuais e reais do desejo que não são explícitos ou conscientes até então. Muitas dessas novas possibilidades transformadas em novas práticas, muitas vezes, colidem em desapontamento quando comparadas com a fantasia. O que acontece

é que, em alguns casos, surge uma relação entre a internet e os comportamentos sexuais de risco, por isso as conclusões de alguns estudos devem ser lidas com precaução.

Subrahmanyam, Greenfield & Tynes (2004) realizou um estudo, onde concluiu que a internet pode ser um importante veículo para a auto-exploração, sobretudo entre adolescentes que ainda desconhecem a sua sexualidade, sendo este considerado um espaço de auto-descoberta.

Nodin *et al.*, (2013) concluem que é no contexto internacional da experiência sexual *online* (e social), que os diferentes níveis e diferentes tipos de auto-apresentação conhecidos, e facilitadores fundamentais, alteram-se.

II. VITIMAÇÃO SEXUAL E A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

2. Vitimação Sexual *Online*

Através da literatura, tem se verificado que os crimes e a vitimação *online* estão em constante crescimento. Efetivamente, a literatura tem mostrado um crescente número de jovens que experienciam vitimização enquanto se encontram *online* (Mitchell *et al.*, 2003, 2007; O'Connell *et al.*, 2002; Quayle & Taylor, 2003; Sanger, Long, Ritzman, Stofer & Davis, 2004; Wolak *et al.*, 2002, 2003, 2004, 2006, 2007; Ybarra, Mitchell, Finkelhor, Wolak, 2007). De facto, estes estudos têm revelado que certos comportamentos *online* podem aumentar a propensão para a vitimização.

A coerção sexual na internet encontra-se distinta dos outros dois tipos de crimes de violência sexual, dando importância à utilização de vários meios de comunicação, válidos, e possíveis *online*, para aliciar a vítima à “cooperação” sexual colocando pressão sobre ela, surgindo muitas vezes o fenómeno de *stalking* ou de perseguição que pode envolver, por exemplo, insinuações de cariz sexual (Barak, 2005).

Carvalho e Gomes (2003) concluiu no seu estudo que a utilização da internet esta interligada a atividades sexuais.

Vários estudos têm demonstrado que os homens utilizam a internet com o intuito de ter sexo com outros homens, sendo a internet um facilitador para conhecer esses parceiros sexuais (Bolding, Davis, Hart, Sherr & Elford 2005; Frankland, Zablotzka, Prestage, O'Connor, Martin, 2008; Ko, Koe, Lee, Yen, Ko, Hsu, 2012; Mettey *et al.*, 2003).

O que outros estudos comprovam ainda que os homens que recorrem as novas tecnologias têm tendência a terem comportamentos sexuais de risco (Berg, 2008; Carballo-Diéguez *et al.*, 2009), o que aumenta o risco de transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), tudo depois encontros via *internet* (McFarlane, Bull & Rietmeijer, 2000).

Sem dúvida, as pessoas utilizam a internet com o único objetivo de se relacionarem, sexualmente ou não sexualmente (Nodin *et al.*, 2013).

Uma das áreas relacionadas com o crime sexual *online* é o *cyberstalking* que definido como um conjunto de comportamentos em que a utilização das novas tecnologias é causada por *stress* de cariz emocional em outros indivíduos (Bocji, 2004).

Exemplos de comportamentos de *cyberstalking* são as piadas, falsas acusações,

abuso da vítima, ataques aos dados ou equipamento, personificação da vítima, recolher informações sobre a vítima.

É importante realçar que alguns comportamentos de *cyberstalking* estão enquadrados na coerção sexual na internet (Barak, 2005).

O poder é um fator que parece ser determinante no tipo de crime ataque/sexual. (Bargh & Raymond, 1995; Stockdale, Vaux & Cashin, 1995).

Segundo Bargh & Raymond, (1995); Stockdale, Vaux & Cashin, (1995) concluíram que os homens inconscientemente têm tendência a abusar do poder para atacar sexualmente as mulheres.

De facto, o efeito desinibição promove uma explicação para a ocorrência de ataque/ameaça sexual *online* e outros comportamentos de risco e desviante (Suler, 2004).

A desinibição pode assumir duas formas: a benigna e a tóxica, onde se inclui nesta última a linguagem rude, ofensiva, a raiva, piadas, atos de violência (Sckenk, 2008).

2.1. Assédio Sexual e Riscos associados

Sem dúvida que as novas tecnologias, e a utilização da internet, trazem muitos benefícios para os estudantes, da mesma forma as vantagens para experiências sociais, permitindo o acesso a muitas fontes de informação e entretenimento (Finn, 2004).

No entanto, a par das inúmeras vantagens, existem várias dificuldades que surgem com a utilização da internet, apresentando varias situações de risco, como “cyberadição”, roubo de identidade, exposição a conteúdo violento ou de cariz pornográfico, e *cyberstalking* (Finn & Banach, 2000; Kandell, 1998; Leibs, 1995; Waldron, Lavitt & Kelley, 2000).

Cyberstalking tem uma definição muito variada, este esta ligado comportamentos de risco, como por exemplo, “pregar partidas” repetidas e/ou ataque/ameaça *online*, e provoca medo pela segurança pessoal (Fisher, Cullen & Turner, 2000).

O *cyberstalking* é especialmente perigoso para pessoas que procuram apoio *online*, e que apresentam caraterísticas de vulnerabilidade, recorrendo á internet como um meio de ajuda.

O roubo da identidade é considerado uma forma de vitimação, que resulta do *cyberstalking* como efeitos criminais. Ocorre quando alguém utiliza pedaços de informação de alguém com o objetivo de representá-lo para fins fraudulentos (Finn & Banach, 2000).

A realidade que se tem verificado é que, como mais pessoas utilizam a internet, maior é a probabilidade de aumentar crime de *cyberstalking* (Finn, 2004).

Um outro problema que se tem tornado visível é o falso sentido de intimidade promovido pelo contexto *online*, que faz com que as pessoas se sintam próximas daquele com quem falam nesse contexto, apesar da distância física existente, mas que passa despercebida (Finn, 2004).

Portanto, o anonimato, a falta de estatuto social, e a propensão para um comportamento desinibido fazem com que possam ocorrer riscos e comportamentos antissociais para um elevado número de pessoas utilizadoras das tecnologias (Finn, 2004).

É importante a prevenção efetiva dos fenómenos de *cyberstalking*, muitas organizações já não partilham informações pessoais nos locais públicos *online*, outras criam um nome de utilizador neutro em termos de idade e género, enviar informação pessoal somente em sites ditos seguros, guardar toda a comunicação com o *cyberstalker*, bem como informar as autoridades competentes quando a pessoa se sentir ameaçada (Finn, 2004).

É importante utilizar *software* de filtro de bloqueio é agora possível para apagar *email* e ficheiros considerados indesejados (Finn, 2004).

Parte-se do pressuposto de que aqueles que utilizam grupos *online* são mais frequentemente propensos a níveis elevados de ataque/ameaça sexual, tal como aqueles que vão a sítios de encontros sociais (Finn, 2004).

O ataque/ameaça sexual é sem dúvida é um problema a nível social que afeta as pessoas em vários contextos que se apresentam inseridas, no trabalho, na escola, nas instalações militares, e em outros contextos sociais. Esse fenómeno tem sido estudado á muito tempo e apresenta-se associada a muitos aspetos (e.g., psicológico, sociológico, médico, legal, e educacional) (Barak, 2005).

O que se tem verificado através da literatura é que o fenómeno de ataque/violência sexual também tem aumentado, este atinge, principalmente as mulheres (Gruber, 1997; Paludi & Paludi, 2003).

É de realçar que este tipo de crime apresenta-se associada á internet, há autores que defendem que as mulheres são as principais vítimas (Barnes, 2001) é um fenómeno mundial, que ocorre em todos os países e em todas as culturas, sendo definido de maneiras diferentes consoante as culturas (Barak, 1997).

Till (1980) diferencia cinco principais categorias, classificando-as como comportamentos de risco (e.g., ataque/ameaça social).

No entanto, após conclusões de vários estudos, destacou três categorias principais: ataque/ameaça sexual de género (envolve comentários verbais e visuais e “chamadas de atenção” onde se insulta a pessoa por causa do seu género ou com o objetivo de provocar emoções negativas); atenção sexual não desejada (comportamentos que comunicam explicitamente desejos sexuais ou intenções perante outro indivíduo); coerção sexual (utilizar pressão física ou psicológica sobre outra pessoa para aliciar cooperação sexual) (Till,1980).

Estas três categorias existem tanto em contexto *online* como em contexto real. A maioria das expressões de ataque/ameaça sexual através da internet geralmente aparecem sob a forma de ataque ou ameaça de género e atenção sexual não desejada (Till,1980).

O ataque/ameaça sexual na sua forma ativa verbal aparece sobretudo na forma de mensagens de ofensa sexual, iniciada por um agressor sobre a vítima (Barak, 2005), que inclui comentários humilhantes de género, acusações sexuais, e piadas inconvenientes.

Este tipo de ataque/ameaça sexual é praticado usualmente em salas de *chat* e fóruns, mas também pode surgir em canais privados de comunicações *online*, tais como distribuição sexual através de *email* ou sites pornográficos, acessórios de *sex-shop*, e materiais e médicos relacionados ao sexo (Barak, 2005).

O ataque/ameaça sexual na sua forma passiva verbal é menos intrusivo, dado que o agressor não tem como alvo mensagens diretas para uma pessoa ou pessoas em particular (Barak, 2005).

O comportamento de “*flaming*” caracteriza-se pela utilização de violência masculina, para assim vitimar mulheres e crianças e para controlar o comportamento da mulher, ou de exclusão de mulheres dos espaços públicos, que pode ser estendido aos novos espaços públicos na internet (Scoot, Semmens & Willoughby, 2001).

O ataque/ameaça sexual de género na sua forma gráfica ativa envolve geralmente o envio intencional de figuras eróticas e pornográficas e ainda vídeos

digitais através de canais de comunicação privada *online*, tal como o *email* ou postar esses vídeos ou imagens via *online* (Barak, 2005).

O ataque/ameaça sexual de género na sua forma gráfica passiva geralmente inclui imagens ou vídeos publicados em *sites* da internet (Carnes, 2003; Gosset & Byrene, 2002). Este tipo de ameaça surge quando os utilizadores da internet não conhecem o conteúdo do *site* e em que surgem *links* de sites pornográficos redirecionados através da utilização maciça de janelas de *pop-up* (Barak, 2005).

A medida através da qual as quatro possibilidades de ataque/ameaça sexual de género atualmente tornam subjetiva a experiência individual de ataque/ameaça está dependente de dois principais fatores: a natureza de estímulos gráficos ou verbais em termos de explicitividade, adicionada à repetição e à continuidade; atitudes pessoais, sensibilidade, e preferências. A combinação destes fatores determina o nível de experiência subjetiva da ofensa (Barak, 2005).

A atenção sexual não desejada no *cyber* espaço normalmente necessita de comunicação pessoal, com mensagens diretamente relacionadas ao sexo e à sexualidade (Barak, 2005), sendo especificamente estendida para solicitar “cooperação” sexual, através de qualquer tipo de contacto, seja ele virtual ou em um contexto real.

Este tipo de ataque pode ter lugar em fóruns públicos ou salas de *chat*, tal como em comunicações privadas. O motivo básico que pode levar os agressores deste tipo a perpetrar o crime tem a ver com causar ataque emocional e abuso das vítimas, e não necessariamente ter contacto sexual propriamente dito (Barak, 2005).

A nível de casos e de prevalência do crime de ataque sexual na internet, percebe-se que não existem investigações empíricas que estudem a extensão desse fenómeno.

Alguns autores (e.g., Mcgarth & Casey, 2002) entendem que o *cyber* espaço é um contexto ideal para os ofensores sexuais cometerem esse tipo de crime por causa das suas características únicas.

Segundo Barak e Fisher (2002), eles reforçam a ideias, que por causa das características próprias da internet, cada vez mais os ofensores sexuais na internet irão crescer no futuro.

Já Griffiths (2000) reportaram a descoberta, em uma amostra britânica, que cerca de 41.0% de utilizadores regulares da internet (mulheres) têm sido vítimas de envio de material pornográfico não solicitado ou tem sido atacadas ou perseguidas através desta forma de comunicação.

O modelo explicativo das causas e das dinâmicas do ataque/ameaça sexual foi caracterizado por Pryor, Giedd & Williams, (1995; Pryor, Lavite & Stoller, 1993; Pryor & Whaler, 1997) que referiu que o comportamento de risco: ataque sexual é determinado pela interação entre duas variáveis: características da pessoa e características da situação.

Um dos efeitos salientados é o de desinibição *online* (Joinson, 1998, 1999, 2001; Suler, 2004), dado que as novas tecnologias promovem a exposição da chamada *self* real (Mckenna & Seidman, in press, como citado em Barak, 2005) e feitos específicos na comunicação em que o computador é mediador.

O efeito de desinibição *online* causa nos utilizadores da internet comportamentos de menor defensividade e de uma maior naturalidade, dado que permite o anonimato, invisibilidade, e ausência de contacto ocular (Barak, 2005).

Associando variáveis como a desinibição promovida pelo contexto *online*, uma abertura elevada, bem como uma atmosfera propícia a atitudes masculinas, conduz-se a uma alta probabilidade de comportamentos de ataque/ameaça sexual, sobretudo perpetrado por homens a mulheres (Barak, 2005).

Por último, o que se tem verificado na literatura é que o *campus* universitário está crescentemente a lidar com os problemas de *cyberstalking* (Finn, 2004). Os estudantes universitários mostram-se como um grupo especialmente vulnerável a esse tipo de fenómeno dado que vivem em um contexto relativamente fechado e onde os seus contactos são facilmente acedidos.

A amostra dos alunos universitários insere-se na faixa etária entre os 18 e os 29 anos de idade, daí que esta faixa fixe o perfil da vítima de *stalking* (Finn, 2004). A realidade que se tem verificado é que, como mais pessoas utilizam a internet, há uma maior probabilidade de o crime de *cyberstalking* aumentar.

Dado que o *cyberstalking* e o ataque/ameaça *online* podem implicar ansiedade e outros problemas de saúde que interferem de modo significativo na vida académica e social das vítimas (Lee, 1998), as universidades deviam investigar a extensão desses fenómenos no seu *campus* e, se necessário, instituir esforços de prevenção e intervenção.

Efetivamente, é necessária uma definição mais clara do fenómeno de *cyberstalking*, da mesma forma que são necessárias pesquisas utilizando métodos qualitativos e quantitativos para melhor compreender as circunstâncias e as experiências daqueles que são vítimas de pornografia indesejada e a extensão na qual isso reflete o

crime de ataque/ameaça *online* e o *cyberstalking*, da mesma forma que estudos são necessários para perceber as diferenças e as similaridades entre o fenómeno de ataque/ameaça *online* e o *cyberstalking* (Finn, 2004).

III. VITIMAÇÃO SEXUAL EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

3. Vitimação em Universitários à luz da Teoria das Atividades de Rotina

Um estudo feito por Kennedy e Taylor (2010) veio realçar, os perigos mais sérios dos utilizadores da internet, segundo estes autores, são aqueles que ocorrem no contexto *offline*, e não unicamente no espaço *online*.

Este estudo foi delineado para determinar as taxas de ataque/ameaça, *stalking*, e ataque sexual, nos contextos *online* e *offline*, entre estudantes universitários (Kennedy & Taylor, 2010). A amostra foi constituída por 354 estudantes (60,5% sexo feminino e 39,5% sexo masculino).

Neste estudo foi utilizada a Teoria das Atividades de Rotina, como explicação, para se proceder à exploração em que medida há um aumento do risco quando as pessoas utilizam *sites* de redes sociais, e a utilização desses *sites* pode ser considerada um ato arriscado e perigoso que pode declinar em diferentes tipos de vitimação (Kennedy & Taylor, 2010).

A Teoria da Atividade de Rotina tem se demonstrado útil para a utilização na análise de crimes predatórios é o tipo de comportamento desviante examinado. De acordo com esta teoria estão presentes três elementos fundamentais para que o crime ocorra: exposição a ofensores motivados, alvo, e a falta de um “guardião” capaz. Esta teoria, no entanto, tem omissa a explicação do *cyber crime*, especialmente na área da juventude (Mitchell *et al.*, 2007; Wolak *et al.*, 2007; Ybanna *et al.*, 2007).

No que respeita a estudos exploratórios que têm sido levados a cabo, verifica-se que a utilização de salas de conversa, a discussão de temas incluindo tópicos de cariz sexual com contactos *online*, e relações tumultuosas com a família ou com os amigos aumentam a possibilidade de vitimação *online* (Mitchell *et al.*, 2007; Wolak *et al.*, 2007; Ybanna *et al.*, 2007).

Relativamente a aplicação de medidas de proteção, onde se inclui o *software* de filtro e de bloqueio, vários estudos têm demonstrado que a instalação desse tipo de dispositivo não tem efeito na exposição a materiais inapropriados e na vitimação *online* (Marcum, 2010).

Crimes como ataque sexual, *stalking*, e vitimação sexual pode ocorrer, contexto *online* e *offline*. A nível *offline*, os dados permanecem desconhecidos mas estima-se que várias alunas universitárias são vítimas de ataque neste contexto (Fisher *et al.*, 2002)

Os utilizadores jovens de computadores e da internet concluem que se encontram menos cautelosos acerca da partilha de informação pessoal dado que não têm a perceção de que a comunicação *online* pode ser uma ameaça para a sua segurança (Pierce, 2006).

Vários estudos exploratórios centram-se nos fatores de vitimação *online* são escassos na literatura, daí que não existir uma compreensão mais efetiva do porquê de os adolescentes e jovens serem vítimas via *online*. Da mesma forma, esses estudos utilizam uma base teórica forte para examinar essas questões tem sido pouco frequentes (Marcum, 2010).

No que concerne à Teoria da Atividade de Rotina, esta teoria tem-se demonstrado extremamente útil para a explicação dos diferentes tipos de vitimação criminal (Marcum, 2010).

Nos trabalhos de Hawley's (1950), são abordados três componentes essenciais como elementos constituintes da organização temporal: o ritmo (regularidade com que os eventos ocorrem), o tempo (número de eventos que ocorrem por unidade de tempo), e *timing* (duração e recorrência dos eventos).

Segundo Cohen e Felson (1979), estas três componentes explicam o porquê e como a atividade criminal é desenvolvida.

De acordo com esta teoria, é necessário que os três componentes estejam presentes na situação em que o crime ocorre: um alvo, a omissão de um “guardião” capaz, e um ofensor motivado (Cohen & Felson, 1979). Portanto, para que o crime ocorra é necessário que esses componentes sigam padrões regulares.

De acordo com os referidos autores (Cohen & Felson, 1979), a suscetibilidade do alvo é baseada na disponibilidade da pessoa como vítima, da mesma forma que a sua atratividade perante o ofensor. Assume-se que a pessoa que se encontra disponível para o crime é aquela que não toma determinadas precauções para se proteger a si própria.

Relativamente ao ofensor motivado, este refere-se a uma pessoa que está propensa a cometer um crime quando surgem determinadas oportunidades através da presença e da falta dos outros dois componentes (Cohen & Felson, 1979; Mustaine & Tewksbury, 2002).

Segundo Marcum (2010) a teoria apresentada defende que um ofensor motivado é apresentado a um alvo que se encontra pouco protegido contra a vitimização, sendo que quando estas duas situações ocorrem, há uma propensão maior para o crime.

Outras evidências mencionadas por Marcum (2010) têm revelado que as mulheres estão mais propensas a tornarem-se vítimas deste tipo de fenómeno de vitimação *online*, devido às atividades que estas desenvolvem na sua rotina, ou seja frequentam os mesmos sítios, á mesma hora, não tomando as devidas precauções para se proteger.

A informação que os jovens fornecem por via *online*, pode fazer com que os mesmos sofram de vitimação (Marcum,2010).

O que parece funcionar como preditor de maior risco de vitimação *online* são o fornecimento de informação enquanto o adolescente ou jovem está no contexto *online*, assim como os significados da sua comunicação (Marcum,2010).

Um estudo realizado por Marcum (2010) assenta nos aspetos que o tornam importante na revisão da literatura sobre esta temática. Primeiro, permite aprimorar o conhecimento sobre esse fenómeno. Segundo, há uma falta geral de estudos que têm por objetivo explicar a vitimação *online* dos jovens, sobretudo estudos que utilizem bases teóricas. Além disso, permite compreender este fenómeno, da mesma forma que políticas e programas podem ser desenvolvidos no sentido de melhor proteger os adolescentes e jovens durante a utilização da internet.

A Associação da Faculdade de Saúde Americana, recolheu uma amostra de 5000 alunos, mostrando que 2,0% das raparigas e 8% dos rapazes foram atacados sexualmente durante um ano via *online* (American College Health Association, 2006).

Mitchell, Becker-Blease & Finkelhor, (2005), postulam que os indivíduos que relataram ser vítimas de ataque *online*, foram-no a dois níveis: sexual e não sexual

O que se verifica é que no caso de ataque/ameaça *online*, raramente este crime é reportado às autoridades judiciais dado que a maioria dos indivíduos percebe que esse tipo de vitimização não é tão grave (Finn, 2004).

Um estudo denominado de “Estudo de Segurança Juvenil na Internet”, de 1999, concluiu que quase um quinto da amostra terá recebido solicitações sexuais (Mitchell, Finkelhor, & Wolak, 2001). Uma segunda fase desse estudo, conduzida em 2005, concluiu que houve uma diminuição do número de solicitações sexuais, enquanto o número de solicitações agressivas não se alterou (Mitchell *et al.*, 2007).

Os fatores de risco para esse tipo de solicitações é o facto de a vítima ser rapariga, utilizar salas de conversa com frequência, falar *online* acerca de sexo frequentemente, revelar informação pessoal, e ser abusado *offline* (Mitchell *et al.* 2007).

Esta pesquisa foi utilizada na universidade do sudoeste dos Estados Unidos da América. Utilizou-se um questionário de auto-relato constituído por 77 questões, tendo sido criado para sondar a utilização pessoal de *sites* de redes sociais, atividades conduzidas *online* e tipos de vitimação que podem ter ocorrido em resultado da utilização desse tipo de *sites* (Kennedy & Taylor, 2010).

Os principais resultados apresentados, foi a utilização de *sites* de redes sociais é prevalente entre os alunos que frequentam o ensino superior. As conclusões retiradas foram, cerca de 80.0% dos participantes estão a utilizar alguma rede social, enquanto perto de 92.0% utilizaram alguma rede social em algum momento das suas vidas. O *site* que apresenta maior popularidade é o *MySpace*, segundo o que este estudo conseguiu apurar (Kennedy & Taylor, 2010).

A nível de privacidade dos perfis dos estudantes nas redes sociais, concluiu-se que um terço tinha perfis completamente públicos, outro terço tinha perfis semi-privados, e outro terço dispunha de perfis completamente privados (Kennedy & Taylor, 2010).

Verificou-se ainda, que a maioria dos alunos partilhavam informação pessoal entre diferentes níveis de privacidade e que perto de um terço (31,3%) conheceram alguém pessoalmente após um primeiro contacto *online* (Kennedy & Taylor, 2010).

Outra das conclusões deste estudo é o facto de somente 15,1% dos seus participantes terem temido pela sua segurança pessoal após a utilização de cada *site*, sendo que esses níveis relativamente baixos de medo resultarem do facto de os alunos terem habilidade de utilizar estratégias de autoproteção (Kennedy & Taylor, 2010).

Através desta teoria, percebe-se que os adolescentes e jovens crescem a utilizar ferramentas e tecnologias e mostram-se familiarizados com as diversas oportunidades que a utilização da internet potencia (Kennedy & Taylor, 2010).

Os jovens são a camada social que está especialmente envolvida na socialização utilizando como mediador o computador. O que se verifica é que os jovens utilizam a internet no sentido de se socializarem da mesma forma que o tempo que passam *online* é cada vez mais (Izenberg & Lieberman, 1998; Nie & Erbring, 2000).

Da mesma forma que a comunicação mediada pelo computador permite produzir interação positiva e desenvolver relacionamentos agradáveis, mas também há o risco de os jovens se exporem perante situações que aumentem a propensão para a vitimação *online*. De facto, esta ideia vem reforçar que a utilização das salas de conversa *online* é um importante preditor de vitimação (Marcum, 2010).

Em suma, as universidades necessitarão de educar os seus alunos no sentido de melhor conhecerem os fenómenos em causa neste estudo, criar políticas que incluam linhas-guia para as comunicações através das novas ferramentas de informação e comunicação, estabelecer uma estrutura que promova maior segurança, e fomentar a intervenção quando necessária (Finn, 2004).

3.1. Estratégias de autoproteção

Relativamente à primeira estratégia, esta compreende o bloqueio de alguém com quem não se deseja comunicar, que é feito por cerca de 29.0% da amostra. No que respeita à segunda estratégia, esta tem que ver com a alteração da informação fornecida nos *sites* de redes sociais. 2,9% dos alunos refere ter alterado a informação pessoal por medo de *stalking* ou ataque/ameaça. Uma terceira estratégia pode ser apagar perfis pessoais (Kennedy & Taylor, 2010).

Existem vários tipos vitimação (quatro), mas destacam-se dois tipos de vitimação que ocorrem mais frequentemente, tanto no contexto *online* como *offline*: ataque/ameaça sexual e atenção incessante e incómoda. Grande parte dos estudantes analisados refere ter sido atacado/ameaçado verbalmente em um ou em outro contexto (Kennedy & Taylor, 2010).

1. Comportamento ameaçador: igualmente medido e ocorre com mais frequência em situações *offline*.
2. Comportamento de *stalking*: ocorre também com mais frequência no contexto *offline*. 13.0% dos alunos referem ter sido perseguidos, 10.1% no contexto *offline*, e 3.1% no contexto *online*.
3. Vitimação sexual: a maioria dos participantes deste estudo refere ser sexualmente ativo. 78.7% revelaram comprometimento em relações sexuais consensuais, sendo que 31.7% das raparigas foram sexualmente atacadas. Dessas, apenas 26.1% se autoidentificam como vítimas de ataque sexual.
4. Comportamento de internet: tem que ver com o nível de privacidade envolvido. 34,9% tinham um perfil público, 31.5% tinham um perfil semiprivado (com algumas restrições), e 33.6% tinham perfis completamente privados.

A utilização de estratégias protetivas varia significativamente com o nível de privacidade. Bloquear alguém é a estratégia mais utilizada entre os utilizadores com perfis públicos. O grupo com perfil semiprivado não variou significativamente relativamente aos outros dois grupos. Apagar perfis compreende um tipo de estratégia que é mais utilizada junto dos participantes que detêm um perfil semi-privado (Kennedy & Taylor, 2010).

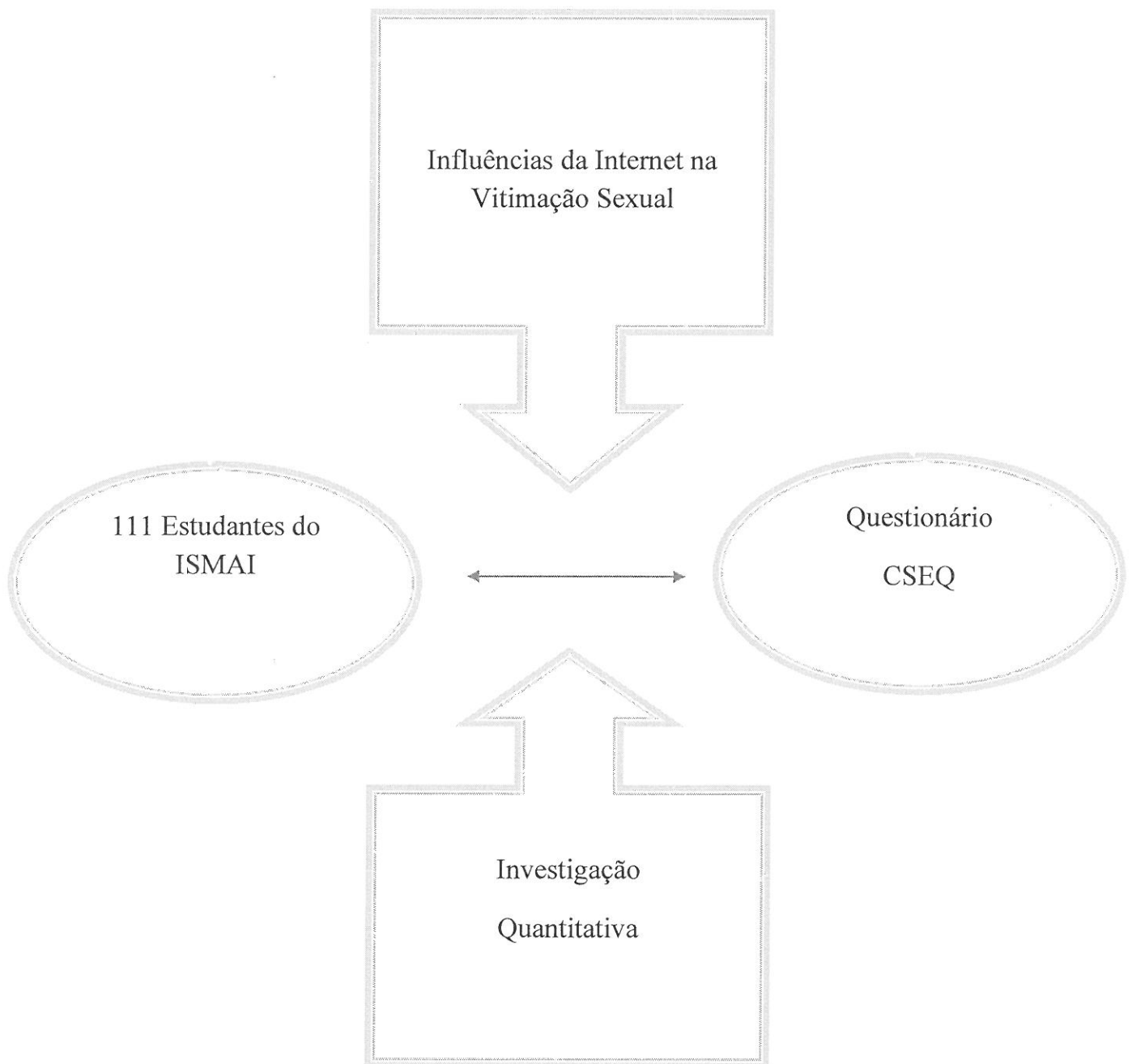
Um estudo realizado por Kennedy e Taylor (2010) tem como grande conclusão o facto de que elevadas taxas de vitimação ocorrem entre estudantes tanto no contexto *online* como no contexto *offline*. Além disso, cerca de 90,0% da amostra declarou utilizar *sites* de redes sociais alguma vez nas suas vidas, o que cria uma maior margem de alvos potenciais para ofensores motivados para este tipo de crimes. Este estudo compreende um bom passo inicial para determinar o risco de vitimização enquanto se utilizam *sites* de redes sociais, ao mesmo tempo que dá pistas para futuras pesquisas focarem melhor as diferenças entre vítimas que experienciaram incidentes *online*, *offline*, e em ambos os cenários (Kennedy & Taylor, 2010).

Na tarefa de prevenção da exploração sexual na internet necessita-se de falar especificamente dos seus materiais acerca do manancial de perigos que a permeiam. É necessário que se rompa o estereótipo de que o ofensor tem um perfil muito específico (o adulto predador). A prevenção deve partir de forças de autoridade e deve-se ter em mente a dimensão sexual a mais importante no contexto da vitimação *online* (Finkelhor, Mitchell & Wolak, 2000).

Os cientistas sociais devem coadjuvar os tecnológicos da internet no sentido de explorar várias estratégias tecnológicas e sociais e reduzir comportamentos ilegais ofensivos no contexto da internet. Era importante haver mais pesquisa acerca do impacto desenvolvimental da exposição sexual não desejada entre jovens de diferentes idades (Finkelhor *et al.*, 2000).

CAPÍTULO IV. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

4. Design da Investigação

*Figura I- Design da Investigação*

4.1. Objetivo

Esta investigação foca-se no fenómeno da vitimação sexual influenciada pela internet, e o principal objetivo é caracterizar as experiências na vitimação sexual *online* eventualmente sofridas pelos estudantes do ISMAI – Instituto Universitário da Maia.

4.2. Metodologia

4.2.1. Instrumentos

Foi utilizado instrumento CSEQ (Cyber-Sexual Experiences Questionnaire, Schenk, 2008 adaptado á versão portuguesa por C. Ferreira & V. Aguiar, 2014). Este instrumento permite identificar a vitimação e comportamentos de risco ocorridos na internet (temas relacionados com experiências psicológicas de desconforto e de insegurança e atenção sexual indesejada *online*).

O questionário “as experiências da internet” (Anexo1) encontra-se dividido em duas partes: PARTE A E PARTE B. Na primeira parte encontra-se composta por oito itens sociodemográficas (e.g. sexo, curso, ano que está a frequentar, idade, nacionalidade, naturalidade, estado civil e envolvimento amoroso). Na segunda parte encontra-se composta por 21 perguntas, correspondendo a comportamentos de risco e abusivos ocorridos *online* durante os últimos seis meses (e.g. “alguém o/a assediou sexualmente”; “alguém o/a subornou para tentar manter contactos sexuais”; “alguém lhe enviou mensagens que o/a referiam a si ou que o/a questionavam sobre o seu corpo, vida sexual e /ou outras questões íntimas, alguém tentou que o/a visse a masturbar-se”; “alguém lhe dirigiu comentários sexuais grosseiros e /ou brutos”; “VIA INTERNET”?) cada pergunta tinha quatro itens como resposta (e.g. “Nunca”; “Uma/duas vezes”; “Frequentemente”; “A maioria das vezes”).

O tipo de investigação desenvolvida procura explorar e descrever a estrutura íntima do fenómeno em estudo, baseada na metodologia quantitativa, ou seja, recorreremos à exploração e descrição das experiências na internet, aplicando o questionário individual *online*, no campus universitário, tendo uma amostra de 111 estudantes do ISMAI com idades entre os 19 e os 62 anos do sexo feminino e masculino.

Uma vez que, a presente investigação será de carácter quantitativo, logo a análise de dados será feita através do SPSS, serão analisadas todos os itens relacionadas com as experiências na internet.

É importante salientar, que o instrumento CSEQ foi desenvolvido por Fitzgerald et al. (1988, 1995) que realizou um estudo que tinha como principal objetivo analisar as experiências ocorridas por 24 estudantes do sexo feminino, relacionadas com ataque/ameaça sexual *online*.

As conclusões retiradas foram que cerca de 65.2% da amostra reportou a utilização de um programa de comunicação instantânea e que 83.0% do *focus* grupo revelou a utilização de redes sociais (Sckenk, 2008).

Os participantes foram questionados acerca da sua definição pessoal de ataque/ameaça sexual *online* e de que forma essa definição influenciou a sua forma de rotular as suas próprias experiências, como as que se relacionam a esse tipo de crime (Sckenk, 2008).

De facto, o objetivo deste estudo era o de estabelecer um melhor entendimento do ataque/ameaça sexual através do desenvolvimento de uma medida que explorasse as diversas experiências no contexto *online* relacionadas com o ataque/ameaça sexual (Sckenk, 2008).

A utilização do CSEQ permite aos investigadores nesta área a habilidade para examinar o tipo de experiências e auto-rotulagem de ataque/ameaça sexual. O desenvolvimento deste instrumento contribui para uma pesquisa ulterior, que deverá ser conduzida a fim de validar a medida, sobretudo no sentido de rever os itens que a compõem. Segundo Sckenk, 2008, o instrumento utilizado (CSEQ) não foi validado devido ao curto período de tempo de investigação.

4.2.2. Procedimentos de recolha de dados

Este trabalho de investigação, tal como qualquer outro, está dependente da acessibilidade da amostra e de condicionantes temporais.

Tendo em conta a problemática, nem todas as pessoas aceitaram participar, mesmo estando garantidos os princípios da confidencialidade e do anonimato e sendo previamente explicitados os objetivos gerais e enquadrado o âmbito do estudo, através do procedimento de consentimento informado.

A amostra foi constituída por indivíduos do sexo feminino e masculino que foram recrutados dos vários cursos do ISMAI.

Não houve nenhum critério de exclusão a nível da idade, todos os estudantes do ISMAI poderia participar nesta investigação.

Foi enviado um mail para todos os estudantes do ISMAI, pedindo a colaboração para a participação no questionário, no e-mail era enviado *link* com o questionário *online*.

Os participantes do ISMAI foram fundamentais para esta investigação, pois sem eles a investigação não poderia avançar.

Por fim após a recolha de dados que ocorreu entre o dia 13 de Maio de 2014 até ao dia 20 de Junho de 2014, foi realizada todas as análises estatísticas recorrendo ao software informático, Statistical Package for the Social Sciences – SPSS, versão,22.0.

4.2.3. Participantes

Maioritariamente, no que diz respeito à amostra (111 estudantes), há um equilíbrio no que se refere ao sexo dos indivíduos, correspondendo a 58 mulheres (52.3%) e 53 homens (47.7% homens) (Gráfico I).

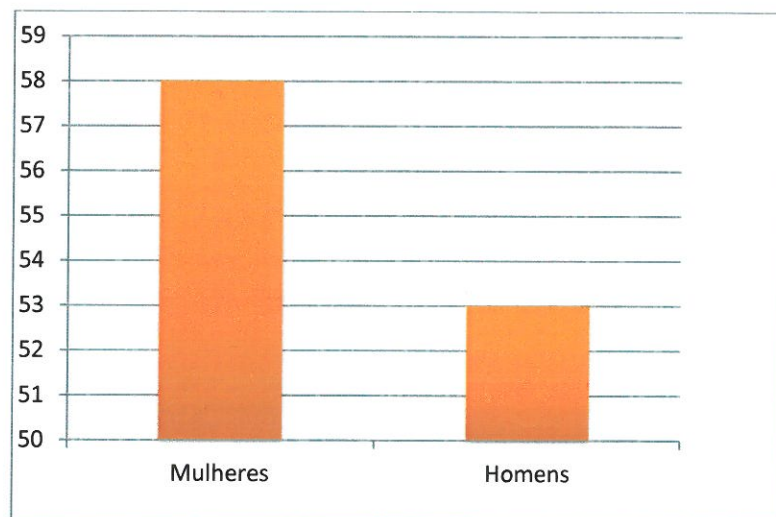


Gráfico I. Sexo

A maioria dos indivíduos é solteira, cerca de 92 estudantes (82.9%) (Gráfico II) e estão distribuídos por todas as faixas etárias (desde os 19 aos 62 anos), situando-se a maioria na faixa etária dos 19 aos 25 anos, cerca de 70 estudantes (63.1%) (Gráfico III).

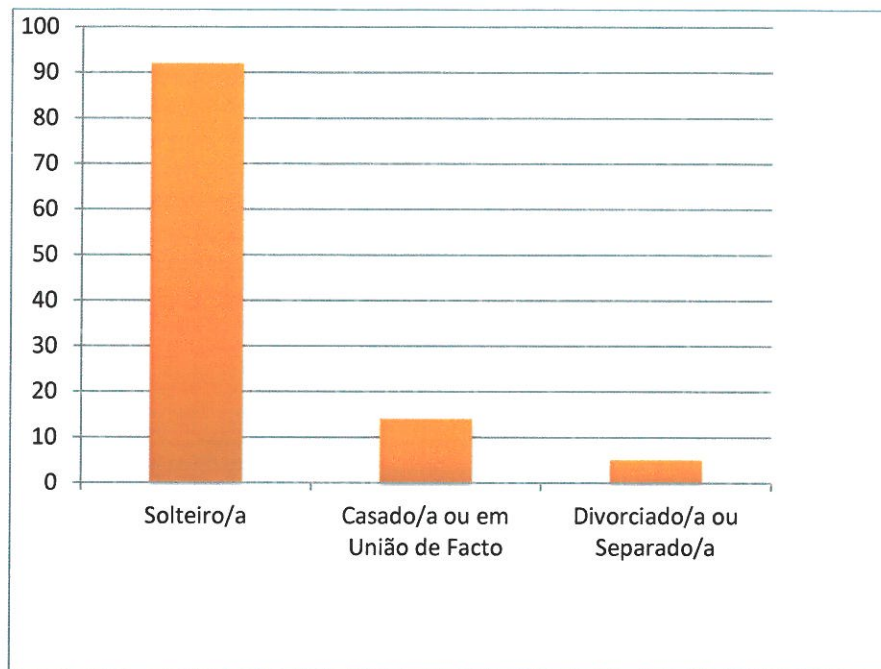


Gráfico II. Estado civil

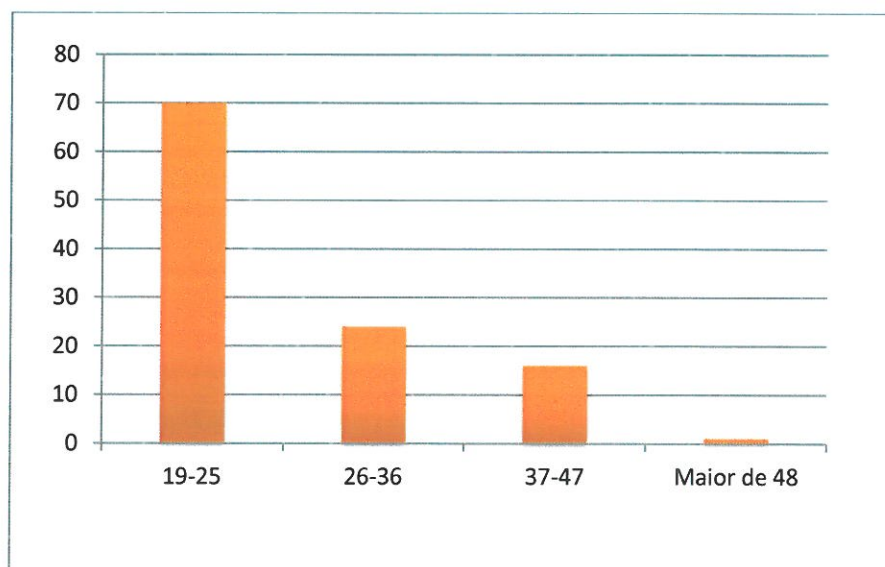


Gráfico III: Idade

Possuem um nível de escolaridade acima da média pois a nossa amostra foi constituída unicamente por estudantes do ISMAI, encontrando-se a maioria a frequentar o curso de Psicologia 16 estudantes (14.4%) (Gráfico IV). A maioria dos estudantes, estão a frequentar o 3º ano, cerca de 38 (34,2%) e o 2º ano cerca de 32 (28,8%) de licenciatura (Gráfico V).

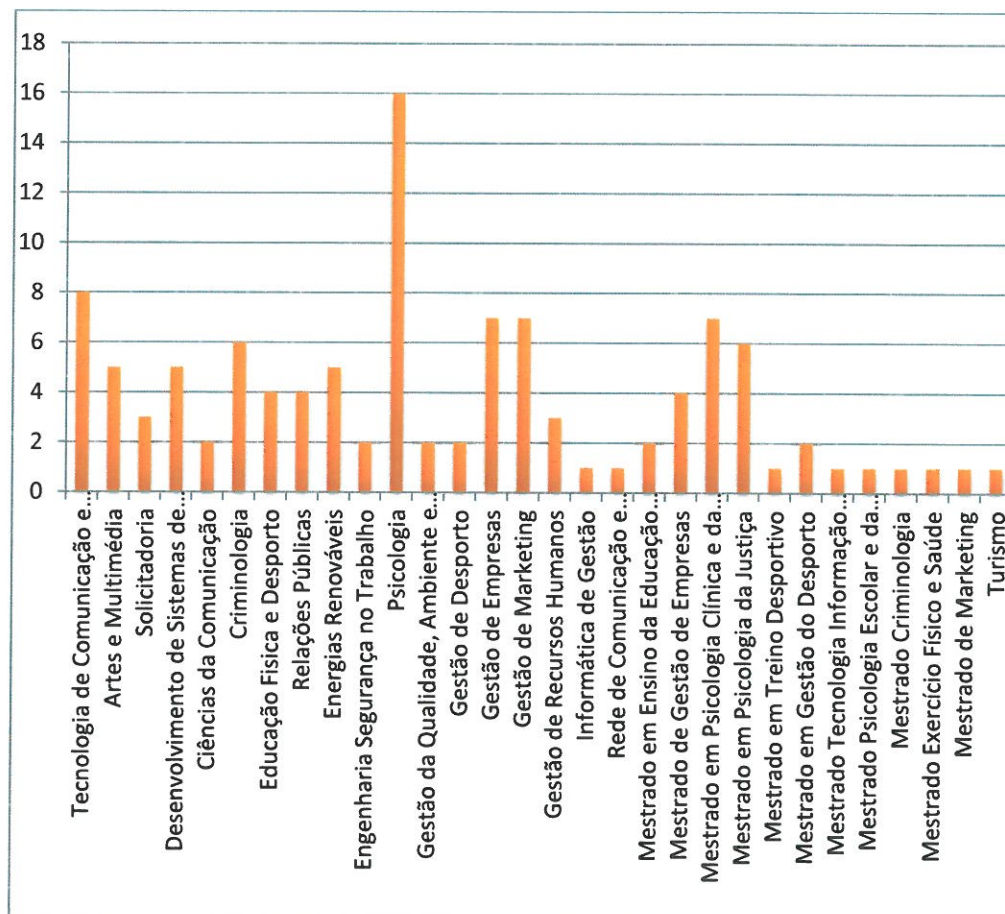


Gráfico IV. Curso

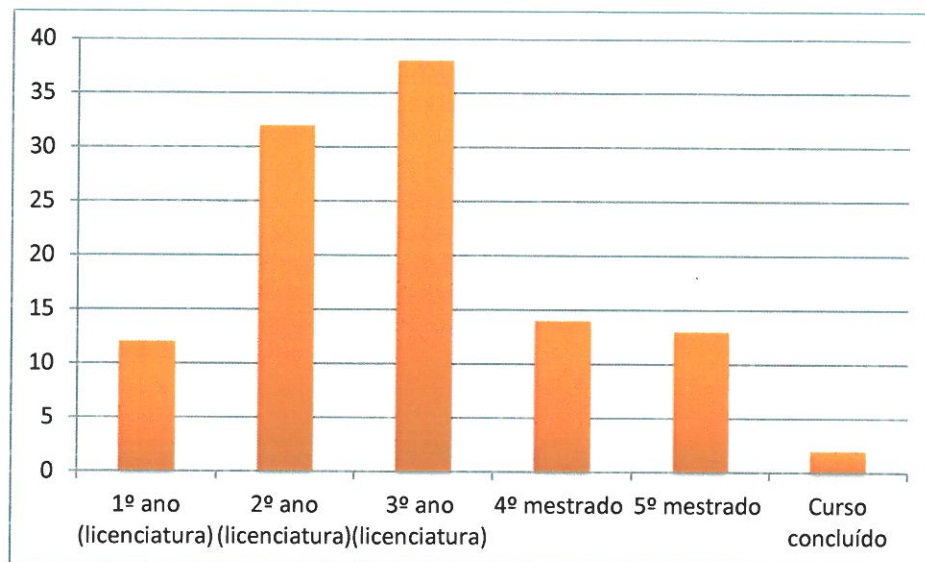


Gráfico V. Ano que esta a frequentar

Os alunos do ISMAI são, predominantemente, Portugueses, cerca de 109 (98.2%) (Gráfico VI) habitam a região Norte no País, nomeadamente, Vila do Conde, cerca de 6 (5.4%), Massarelos, cerca de 6 (5.4%), e Porto, cerca de 40 (36.0%) (Gráfico VI).

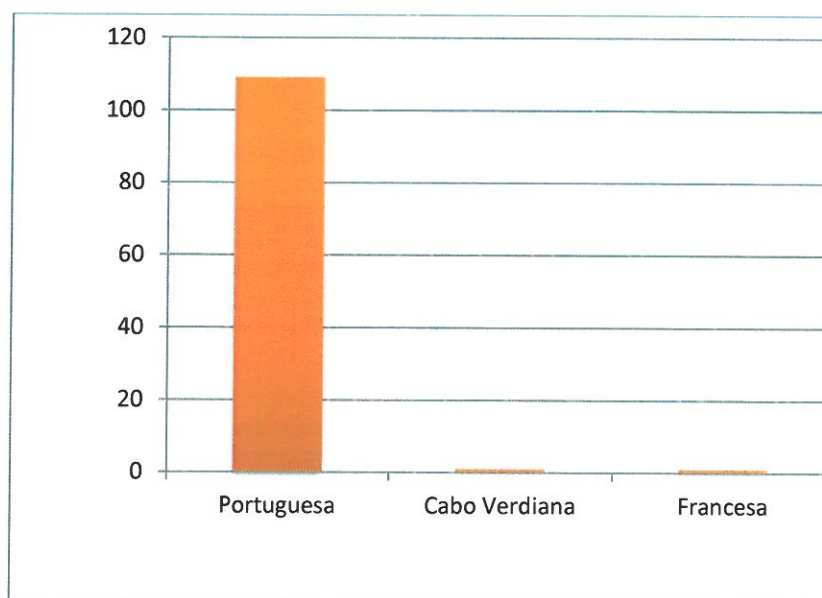


Gráfico VI. Nacionalidade

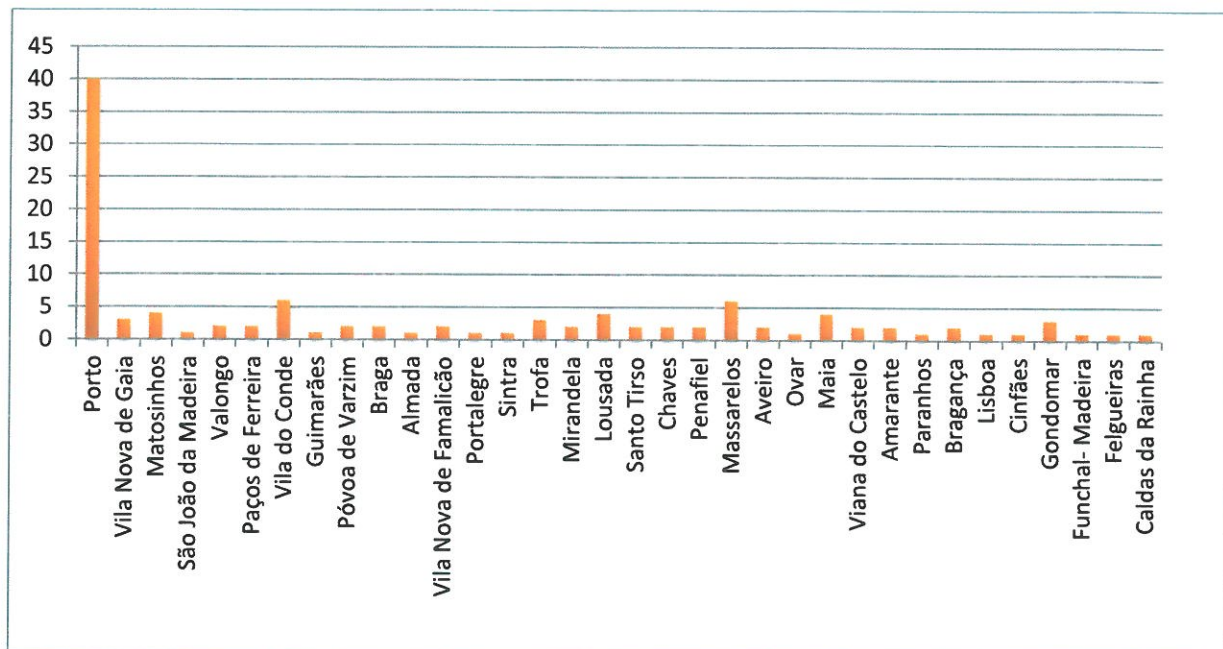


Gráfico VII. Naturalidade

Em relação a um eventual envolvimento amoroso, conseguimos apurar que os alunos maioritariamente apresentavam uma relação de intimidade no momento em que o questionário foi passado, cerca de 80 (72.1%) (Gráfico VIII).

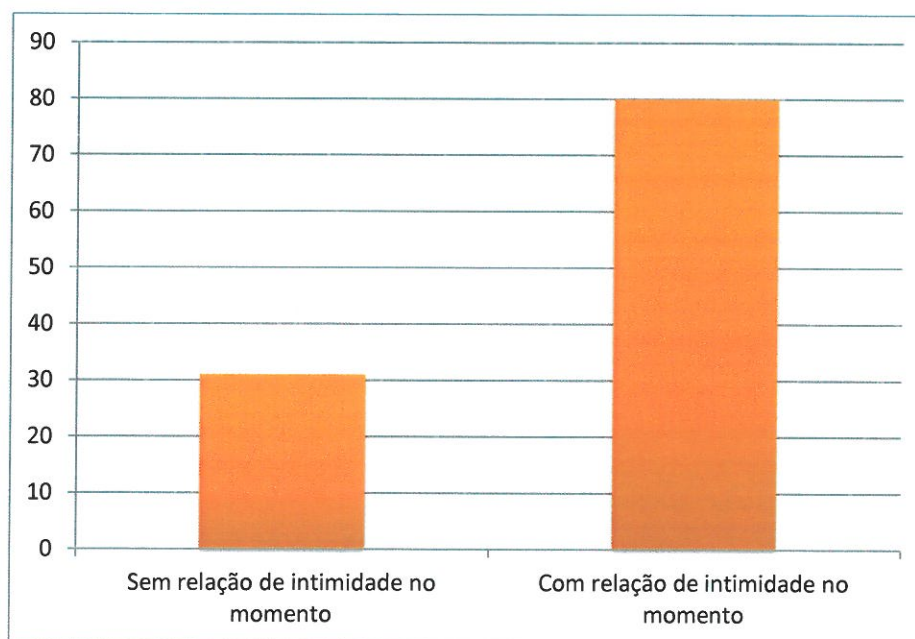


Gráfico VIII. Envolvimento Amoroso Atua

4.3. Resultados

Quando tentamos apurar se durante os últimos seis meses se alguém lhe dirigiu piadas ou comentários ofensivos via internet a maioria, cerca de 88 (79.3%) referiu que ninguém os havia dirigido. Contudo, uma percentagem substancial referiu uma ou duas vezes, cerca de 16 (14.4%) (Gráfico IX).

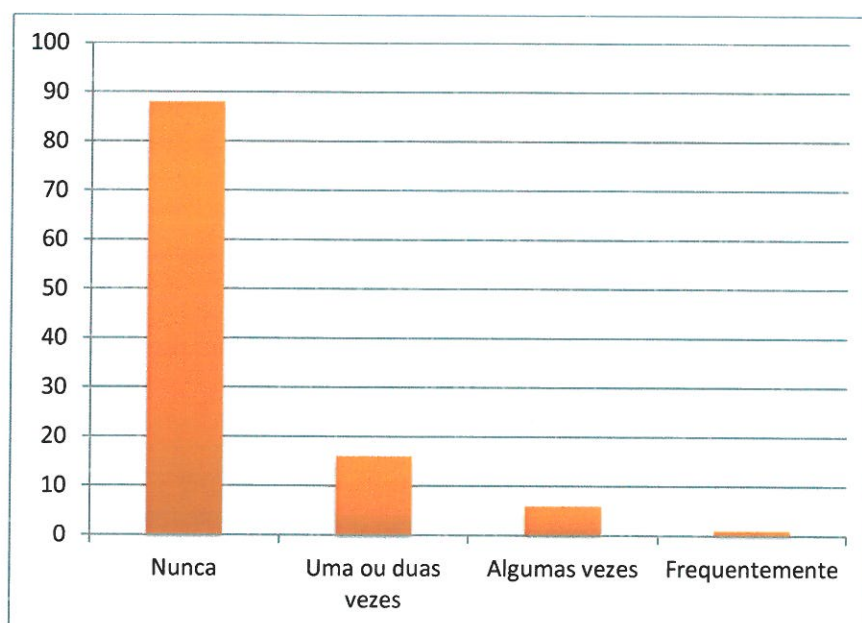


Gráfico IX. Piadas ou comentários ofensivos

No que se refere ao estabelecimento de um relacionamento romântico e/ou sexual na internet mesmo sabendo que a outra pessoa não queria uma percentagem substancial cerca de 19 (17.1%) referiu que alguém já o havia tentado uma ou duas vezes (Gráfico X).

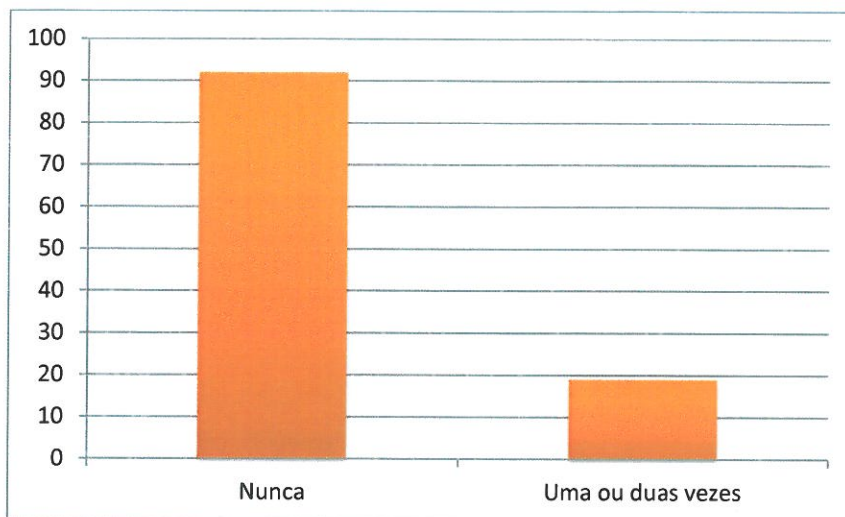


Gráfico X. Estabelecimento de um relacionamento romântico e/ou sexual, mesmo sabendo que a outra pessoa não queria

Em relação à emissão de comentários por forma a inferiorizar as mulheres (por exemplo, dizendo que as mulheres não devem usar a internet) 16 (14.4%) estudantes da amostra referiu que já ouviu esses comentários uma ou duas vezes. E 2 (1.8%) estudantes referiu mesmo que os ouviu frequentemente (Gráfico XI).

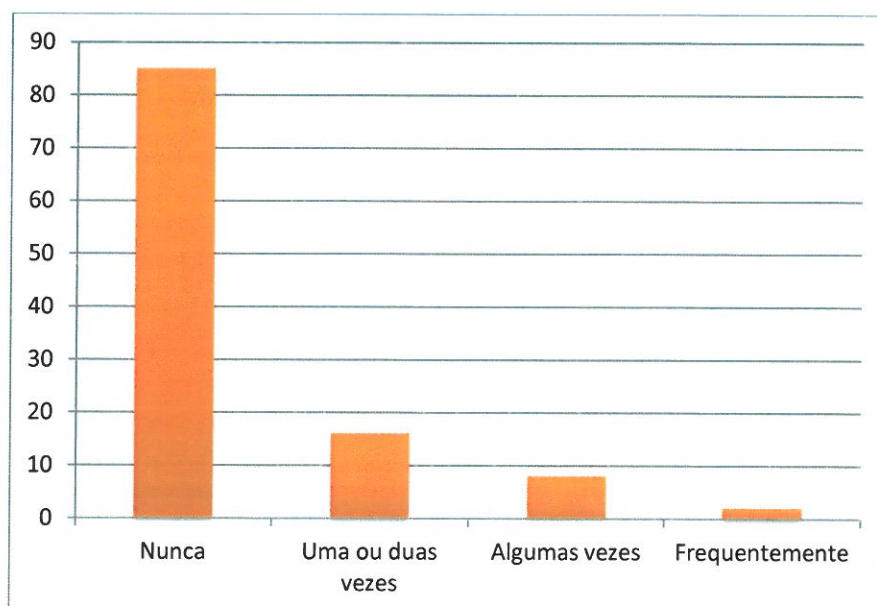


Gráfico XI. Emissão de comentários por forma a inferiorizar as mulheres

Como resposta à questão: “Durante os últimos seis meses, alguém, via internet, lhe pediu para o/a conhecer ou para ter um encontro consigo, mesmo depois de lhe ter dito não”, 11.7% da amostra referiu já ter recebido esse pedido uma ou duas vezes e 6.3% da amostra referiu mesmo algumas vezes (Gráfico XII).

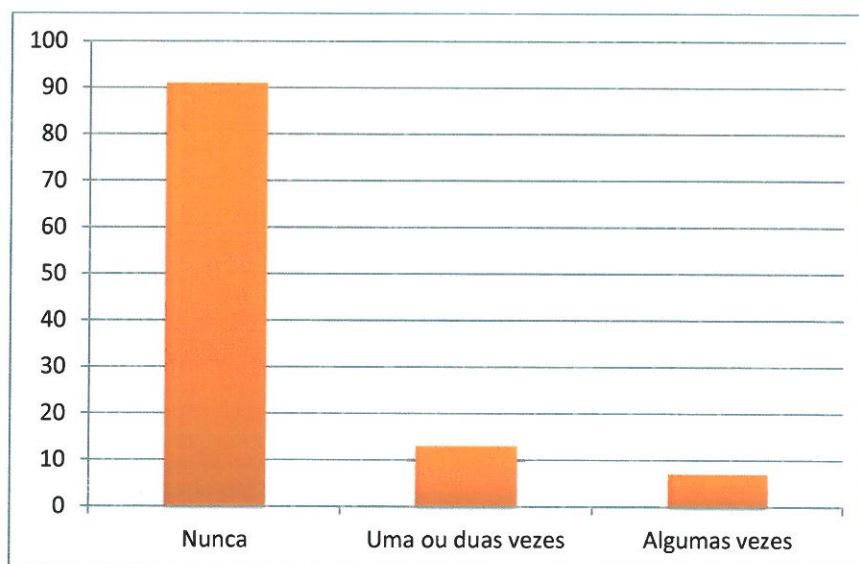


Gráfico XII. Pedido para conhecer ou para ter um encontro mesmo depois de a outra pessoa lhe ter dito que não

Quando nos debruçamos sobre a questão “Durante os últimos seis meses, alguém, via internet, lhe fez observações obscenas e/ou “sujas” sobre as mulheres em geral uma percentagem significativa, cerca de 13 (11.7%) referiu já ter recebido uma ou duas vezes algum tipo de observações desse género (Gráfico XIII).

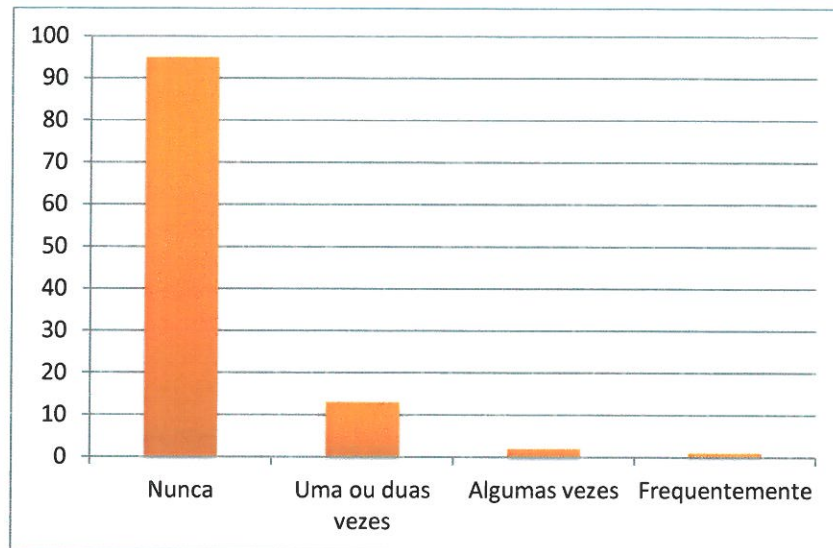


Gráfico XIII. Observações obscenas e/ou “sujas” sobre as mulheres em geral

No que se refere ao encaminhamento de um vídeo ou de uma imagem obscena, via internet, uma percentagem muito significativa, cerca de 23 (20.7%) referiu que nos últimos seis meses já lhe encaminharam uma ou duas vezes e 12 (10.8%) da amostra referiu mesmo que lhe encaminharam nesse período temporal algumas vezes vídeo ou imagens obscenas (Gráfico XIV).

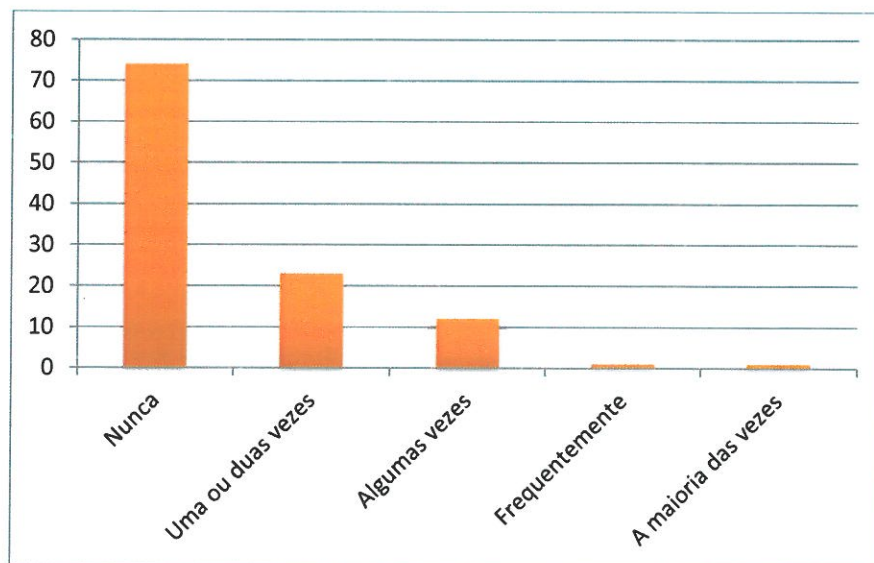


Gráfico XIV. Encaminhamento de um vídeo ou de uma imagem obscena

Em relação a duas questões uma percentagem significativa da nossa amostra alertou-nos para alguns perigos da utilização da internet: como resposta à questão “Durante os últimos seis meses alguém lhe enviou um *spam* que remetia para pênis ou peitos aumentados ou para *sites* pornográficos via internet” 18 (16.2% da amostra) referiu já ter recebido uma ou duas vezes e 16 (14.4%) referiu mesmo já ter recebido nesse mesmo período temporal algumas vezes; quanto à questão “Durante os últimos seis meses alguém lhe enviou janelas de “*pop-up*” com ligações para *sites* pornográficos, via internet, 15 estudantes (13.5% da amostra) referiu que alguém lhe havia enviado algumas vezes, contra, cerca de 14 (12.6%) que referiu ter recebido uma ou duas vezes (Gráficos XV e XVI).

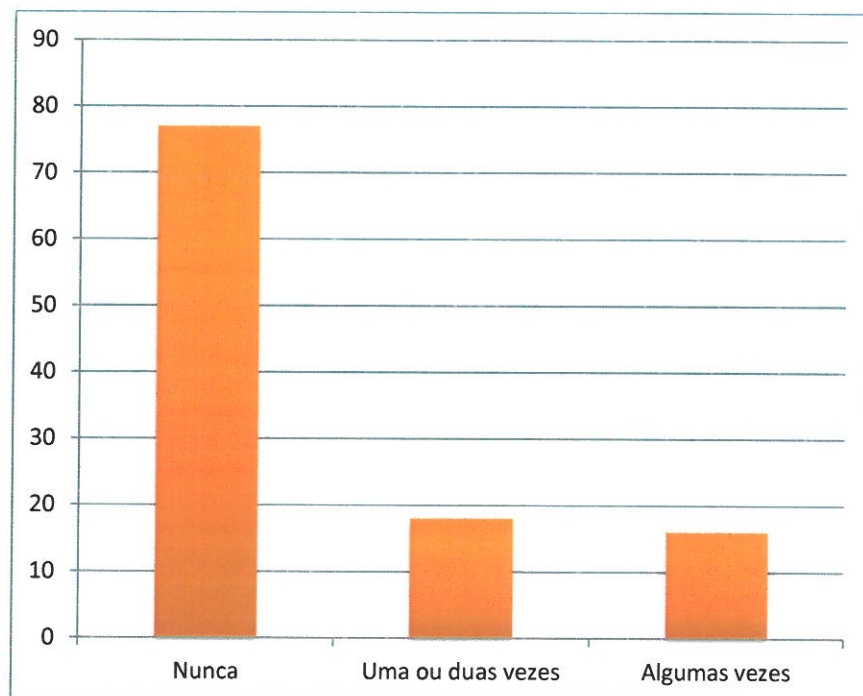


Gráfico XV. Sites pornográficos

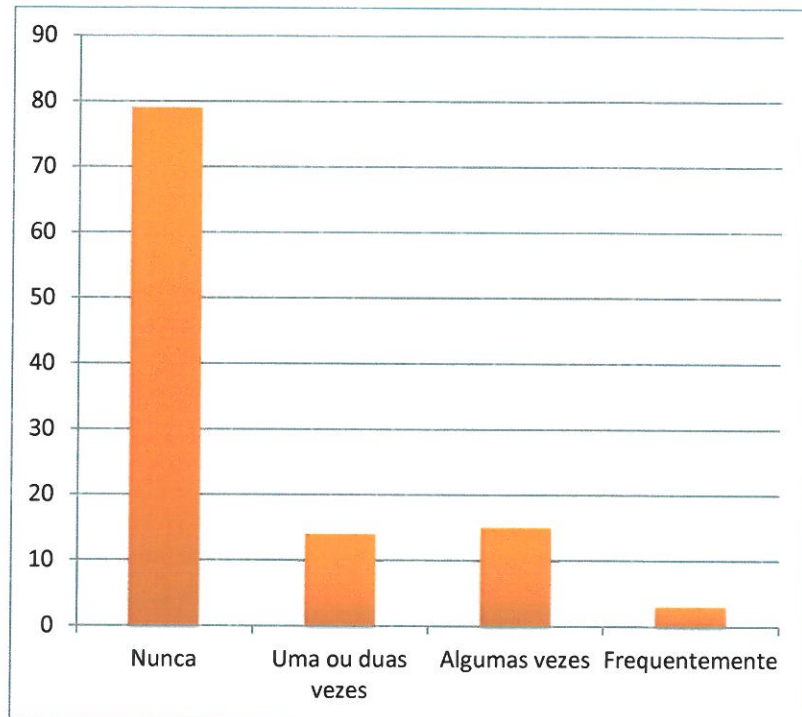


Gráfico XVI. "Pop-up"

DISCUSSÃO

Suler (2004) realça que há vários fatores que poderão estar associados à desinibição *online*: anonimato dissociativo, invisibilidade, e minimização da autoridade, fatores que fortalecem os utilizadores da internet a se comportar em vias mais negativas e que desativa a utilização de máscaras e de filtros que podem existir para o utilizador dessa ferramenta na presença de normas sociais e de padrões comportamentais.

De facto, podem ser evidenciadas diversas formas de vitimização *online*, apesar de poderem ser destacados três tipos, a saber:

1. Abordagens e solicitações sexuais: um estudo (Finkelhor *et al.*, 2000) vem concluir que uma elevada percentagem de jovem que recebeu solicitações de cariz sexual, via *online*. Este estudo vem confirmar que aproximadamente um em cada cinco utilizadores regulares da internet (19.0%) assinalou ter recebido abordagens sexuais não desejadas no ano anterior ao estudo, além de que 5.0% da amostra referiu ter tido uma experiência de abordagem ou solicitação sexual em que se sentiu marcadamente com medo. Sendo os principais alvos deste tipo de vitimização são as raparigas (66.0%), enquanto que 34.0% são rapazes. A nível etário, 77.0% são jovens com 14 ou mais anos. A nível dos perpetradores deste tipo de crime, refere-se que mais de 2/3 das abordagens sexuais partem de homens, ainda que 1/4 dos episódios agressivos tenha sido perpetrado por mulheres. Como principal propósito que leva ao crime salienta-se o sexo *online*. Como principais reações a este tipo de crime, as vítimas reportaram sintomas de *stress*, medo, ansiedade, depressão, e vergonha (Finkelhor *et al.*, 2000).
2. Exposição indesejada a material sexual: a internet afigura-se como um contexto de risco para aceder a material de cariz pornográfico e sexual. Cerca de 25.0% da amostra referiu ter sido exposta a material sexual não desejado no ano anterior ao estudo, sendo que mais de 60.0% das exposições indesejadas ocorreram aos 15 ou mais anos. As reações a este tipo de crime vão desde a vergonha, ao medo, tristeza, *stress*, e aborrecimento (Finkelhor *et al.*, 2000).
3. Ataque/ameaça (piadas ou comportamento ofensivo): este tipo de crime *online* inclui piadas ou comentários para ameaçar o jovem, os seus amigos, e família, por forma a humilhá-los ou envergonhá-los. Dado o seu anonimato, o contexto da internet torna-se

um terreno fértil para este tipo de comportamentos. Cerca de 6.0% da amostra reportou ter sido vítima deste tipo de crime no ano anterior. Tanto rapazes como raparigas foram alvo igualitários deste crime (51.0% rapazes e 48.0% raparigas). A maioria dos perpetradores era homem (54.0%) e 20% mulheres. A nível da faixa etária dos ofensores, 63.0% era da camada jovem, sendo que 70.0% dos incidentes ocorreu aos 14 ou mais anos de idade da vítima. O que se conclui acerca deste tipo de crime é que não ocorre tão frequentemente como a solicitação/abordagem sexual não desejada, embora tenha uma repercussão em um significativo grupo de jovens (Finkelhor *et al.*, 2000).

O que se tem verificado é que a grande falta de conhecimento acerca das dimensões destes crimes fomenta uma barreira para se desenharem soluções efetivas no domínio desta problemática. Há várias formas de combater ou de, pelo menos, minimizar, a percentagem de prevalência destes crimes que assenta, sobretudo, em práticas parentais de diálogo aberto e franco com os filhos e a utilização de *software* de filtro e de bloqueio tecnológico. Cerca de 33.0% da amostra afirma utilizar este tipo de dispositivo enquanto 62.0% diz não possuí-lo. Efetivamente, a pouca adesão a este tipo de mecanismo pode ter que ver com a perceção de falta de eficácia desse tipo de ferramenta (Finkelhor *et al.*, 2000).

Preocupantemente, o que se verifica é que, em muitos casos, são os próprios comportamentos dos jovens que se permeiam de grande risco para a ocorrência deste tipo de crime. A falta de supervisão parental parece igualmente contribuir para este flagelo (Finkelhor *et al.*, 2000).

Os dados obtidos sugerem que cada vez mais estamos alerta para os potenciais perigos da internet. O reflexo disso é a percentagem de respostas a questões como: “Durante os últimos seis meses alguém o/a forçou a falar sobre coisas pessoais e/ou sexuais via internet” (.9% da amostra referiu uma ou duas vezes e igualmente .9% da amostra referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém lhe dirigiu comentários grosseiros e/ou brutos via internet” (6.3% da amostra referiu uma ou duas vezes e .9% da amostra referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém lhe dirigiu comentários ofensivos acerca do seu aspeto, do seu corpo e/ou da sua vida sexual via internet” (2.7% da amostra referiu uma ou duas vezes e 1.8% referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém publicou um comentário sexual sobre si ou “postou” uma imagem sua com carácter sexual via internet” (ninguém referiu algumas vezes e só .9% referiu uma ou duas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém tentou levá-lo/a a ter sexo virtual através de mensagens instantâneas via internet” (6.3%

da amostra referiu uma ou duas vezes enquanto .9% referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém tentou que o/a visse masturbar-se via internet (webcam)” (1.8% da amostra referiu uma ou duas vezes e .9% referiu algumas vezes contra 97.3% que referiu nunca); “Durante os últimos seis meses alguém deixou um comentário “sujo” e/ou ofensivo no seu Facebook, MySpace ou outra rede social da internet” (1.8% referiu uma ou duas vezes e .9% referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém lhe enviou mensagens que o/a referiam a si que o/a questionavam sobre corpo, vida sexual e/ou outras questões íntimas via internet” (6.3% da amostra referiu algumas vezes e 2.7% referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém ameaçou entrar no seu computador pessoal e causar danos caso não o/a conduzissem a atos sexuais via internet” (.9% da amostra referiu uma ou duas vezes e outros .9% da amostra referiu frequentemente); “Durante os últimos seis meses alguém lhe enviou emails ameaçadores e/ou vírus, enchendo a sua caixa de correio eletrónico, para o/a levar a praticar atos sexuais via internet (por exemplo, sexo virtual) (4.5% da amostra referiu uma ou duas vezes, 1.8 algumas vezes, e .9% frequentemente); “Durante os últimos seis meses alguém o/a subornou para tentar manter contactos sexuais via internet (por exemplo oferecendo-lhe dinheiro para que lhe enviasse mensagens sexuais) (.9% da amostra referiu uma ou duas vezes e outros .9% referiu algumas vezes); “Durante os últimos seis meses alguém o/a assediou sexualmente via internet” (5.4% da amostra referiu uma ou duas vezes e 2.7% referiu algumas vezes).

Como foi visível nos resultados obtidos em estudantes do ISMAI, estes vivenciaram alguns comportamentos de risco e alguns constrangimentos via *online*, muitos deles ouviram piadas e comentários ofensivos, ou comentários agressivos, humilhação e inferiorização ao sexo feminino, outros foram-lhes proposto sexo virtual, entre outros. Mesmo assim os estudantes do ISMAI continuaram a utilizar a internet as redes sociais, e como eles, outros indivíduos fazem o mesmo.

Os comportamentos de risco aumentam, mas também aumenta a utilização da internet e das redes sociais.

É importante salientar que houve uma elevada percentagem na resposta “nunca”, em todas as perguntas, no que se conclui que existe muitas pessoas (estudantes do ISMAI) que nunca sofreu nenhuma vitimação *online*.

De facto apesar das tentativas de encontros amorosos, conclui-se que não houve nenhum desenvolvimento amoroso e sexual por parte dos alunos do ISMAI.

Uma das teorias mais focadas nesta problemática em contexto universitária é a Teoria da Atividade de Rotina, o tipo de comportamento desviante examinado tem-se revelado útil na análise de crimes predatórios. De acordo com esta teoria devem estar presentes três elementos para que o crime ocorra: exposição a ofensores motivados, alvo, e a falta de um “guardião” capaz. No que respeita a estudos exploratórios que têm sido levados a cabo, verifica-se que a utilização de salas de conversa, a discussão de temas incluindo tópicos de cariz sexual com contactos *online*, e relações tumultuosas com a família ou com os amigos aumentam a possibilidade de vitimização *online* (Mitchell *et al.*, 2007; Wolak *et al.*, 2007; Ybanna *et al.*, 2007).

A internet desprotege a sociedade, pois proporciona um outro mundo, modificando algumas emoções e sentimentos vividos (Nicolaci, 2000).

A verdade é antigamente associava-se unicamente a internet aos jovens, mas hoje em dia a internet estende-se a todas as faixas etárias. Aumentado a sua utilização e os comportamentos de riscos, muitos deles associados a sexualidade. O abuso sexual também está associado aos perigos, sendo um comportamento sexual desviante da internet uma vez que as crianças recorrem cada vez mais à internet. As mulheres também se encontram cada vez mais atacadas via *online*, despertando comportamentos agressivos e sexuais.

A internet quando abusiva, pode causar perturbações ou distúrbios no dia-a-dia, vem como alterar relacionamentos de amizade e amorosos, ou seja pode modificar totalmente o ser humano, a nível, psicológico, social e físico (Morahan-Martin, 1999).

Kraut *et al.*, (2002) conclui que a utilização da internet dificulta a comunicação com a família os amigos no mundo real.

CONCLUSÃO

O tema abordado nesta investigação (Influências da Internet na Vitimação Sexual), é um tema de elevada importância, de facto existe alguns trabalhos e autores a retratar esta problemática, mas o certo é que nunca é de mais aprofundar temas relacionados com os riscos e a vitimação a nível *online*.

A verdade é que a internet tem sido utilizada cada vez mais por várias faixas etárias, desde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. E é sem dúvida que as redes sociais são causadores de tanta aderência e utilização.

Atualmente, existe a necessidade de estar em contacto com o mundo a nível virtual.

A competição que, cada vez mais, se verifica a nível profissional faz com que os indivíduos tenham de estar frequentemente *online*. Neste sentido, existem aspetos positivos na utilização da internet. Caberá a cada indivíduo descobrir o seu limite de navegação sem comprometer qualquer aspeto da vida real.

Uma das conclusões que se retira deste estudo é que sem dúvida tanto mulheres como homens procuram a internet para ter relacionamentos amorosos, isto é referido comprovado por vários autores no enquadramento teórico.

Outra das conclusões retiradas, é que as mulheres são constantemente inferiorizadas, humilhadas via internet, isto foi comprovado através dos resultados obtidos do questionário aplicada aos estudantes do ISMAI.

É importante salientar que a amostra estudantes universitários do ISMAI, foi importante para os resultados obtidos, de facto a vitimação ocorrida nessa amostra não foi a nível sexual, o que de um certo modo é positiva, mas a verdade é que a internet apresenta vários perigos *online*.

Pensamos ter conseguido esclarecer e clarificar o tema em análise. Atingimos os objetivos que nos havíamos proposto.

É evidente, que a internet é um facilitador no desenvolvimento sexual, isso foi notável não apenas na amostra mas em todo o enquadramento teórico apresentado.

Daí ser um tema de elevada e importância e era interessante aprofundarem este tema.

Daí aconselha-se para futuros trabalhos:

- Expansão do período de estudo e /ou da amostra;

- Uma maior concentração dos perigos que a internet em crianças e/ou adolescentes;

- Realização de um estudo com os mesmos aspetos mas em uma outra população (e.g., idosos)

- Realização de um estudo interligando os resultados obtidos dos estudantes do ISMAI mas com outros estudantes universitários;

Por fim, o objetivo foi concretizado resta referir a importância da análise de qualquer fenómeno nunca é puramente estatística. A análise das estatísticas deve levar em conta que os dados obtidos não esgotam o conhecimento sobre a “dimensão” do problema.

REFERÊNCIAS

- Adam, A. (2001). Cyberstalking: Gender and computer ethics. In E. Green & A. Adam (Eds.), *Virtual gender: Technology, consumption and identity* (pp. 209-224). London: Routledge.
- Albury, K. (2009). Reading porn reparatively. *Sexualities*, 12(5), 647-653.
- Allen, M. & D'Allesio, D. (1995). A meta-analysis summarizing the effects of pornography II: Aggression after exposure. *Human Communication Research*, 22, 258-283.
- American College Health Association (2006). American college health association national college health assessment (ACHA-NCHA) Spring 2005 reference group data report (abridged). *Journal of American College Health*, 55, 5-16.
- Amichai-Hamburger, Y. & Hayat, Z. (2011). The impact of the Internet on the social lives of users: A representative sample from 13 countries. *Computers in Human Behavior*, 27(1), 585-589.
- Anderson, T. (2005). Relationships among internet attitudes, internet use, romantic beliefs, and perceptions of online romantic relationship. *Cyberpsychology & Behavior*, 6, 521-531.
- Australian Bureau of Statistics. (2007). *Household use of information technology Australia 2006-07*. Cat no. 8146.0. Canberra: Commonwealth of Australia.
- Australian Communications and Media Authority. (2007). *Media and communications in Australian families 2007: Report of the Media and Society Research Project*. Canberra: Commonwealth of Australia.
- Australian Communications and Media Authority. (2008). *ACMA Communications Report 2006-07*. Canberra: Commonwealth of Australia.

- Barak, A. (1997). Cross-cultural perspectives on sexual harassment. In W. O'Donohue (Ed.), *Sexual harassment: Theory, research, and treatment* (pp. 263-300). Boston: Allyn & Bacon.
- Barak, A. (2005). Sexual harassment on the internet. *Social Science Computer Review* 23(1), 77-92.
- Barak, A. & Fisher, W. (2002). The future of Internet sexuality. In Cooper (Ed.), *Sex and the Internet: A guidebook for clinicians* (pp. 267-280). New York: Brunner-Routledge.
- Bargh, J. & Raymond, P. (1995). The naive misuse of power: Nonconscious sources of sexual harassment. *Journal of Social Issues*, 51(1), 85-96.
- Barnes, S. (2001). *Online connections: Internet interpersonal relationships*. Cresskill, NJ: Hampton.
- Barraket, J. & Henry-Waring, M. (2008). Getting it on (line): Sociological perspectives on e-dating. *Journal of Sociology*, 44(2), 149-166.
- Bell, V., Hemmens, C., & Steiner, B. (2006). Up skirts and down blouses: A statutory analysis of legislative responses to video voyeurism. *Criminal Justice Studies*, 19(3), 301-314.
- Berg, R. (2008) Barebacking among MSM internet users. *AIDS and Behavior*, 12(5), 822-833.
- Bocij, P. (2004). *Cyberstalking: Harassment in the internet age and how to protect your family*. Westport, CT: Praeger.
- Bolding, G., Davis, M., Hart, G., Sherr, L. & Elford, J. (2005). Gay men who look for sex on the internet: Is there more HIV/STI risk with online partners? *AIDS*, 19(9), 961-968.

- Brickell, C. (2009). Sexuality and the dimensions of power. *Sexuality and Culture*, 13(2), 57-74.
- Brickell, C. (2012). Sexuality, power and the sociology of the internet. *Current Sociology*, 60(1), 28-44.
- Brookey, R. & Cannon, K. (2009). Sex lives in second life. *Critical Studies in Media Communication*, 26(2), 145-164.
- Carballo-Diéguez, A., Ventuneac, A., Bauermeister, J., Dowsett, G., Dolezat, C., Rewien, R. & Rowe, M. (2009). Is 'bareback' a useful construct in primary HIV-prevention? Definitions, identity and research. *Culture, Health and Sexuality*, 11(1), 51-65.
- Carnes, P. (2003). The anatomy of arousal: Three Internet portals. *Sexual and Relationship Therapy*, 18, 309-328.
- Carr, N. (2008). Is Google making us stupid? Why you can't read the way you used to. *Atlantic Monthly*, 302(1), 56-63.
- Carr, N. (2010). *The Shallows: What the Internet is Doing to Our Brains*. New York: W. W. Norton & Company.
- Carvalho, A. & Gomes, A. (2003). Cybersex in Portuguese chat rooms: a study of sexual behaviours related to on-line sex. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29, 345-360.
- Chatfield, T. (2012). *How to Thrive in the Digital Age*. London: Macmillan.
- Clark, L. (2005). The constant contact generation: exploring teen friendship networks online. In S. Mazzarella (Ed.), *Girl Wide Web* (pp. 203-222). New York: Peter Lang.
- Cohen, L. & Felson, M. (1979). "Social Change and Crime Rate Trends: A Routine Activity Approach." *American Sociological Review* 44:588-608.

- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the new millennium. *Cyberpsychology and Behavior, 1*, 181-187.
- Cooper, A., Golden, G., & Kent-Ferraro, J. (2002). Online sexual behaviors in the workplace: How can human resource departments and employee assistance programs respond effectively? *Sexual Addiction and Compulsivity, 9*, 149-165.
- Cooper, A., Scherer, C., Boies, S. C., & Gordon, B. (1999). Sexuality on the Internet: From sexual exploration to pathological expression. *Professional Psychology: Research and Practice, 30*, 154-164.
- Davis, M., Hart, G., Bolding, G., Sherr, L. & Elford, J. (2006). E-dating, identity and HIV prevention: Theorizing sexualities, risk and network society. *Sociology of Health & Illness, 28*(4), 457-478.
- Donn, J. & Sherman, R. (2002). Attitudes and practices regarding the formation of romantic relationships on the internet. *Cyberpsychology & Behavior, 5*, 107-123.
- Finkelhor, D., Mitchell, K., & Wolak, J. (2000). Online Victimization: A Report of the Nation's Youth. *The Crimes Against Children Research Center, 1-61*.
- Finn, J. & Banach, M (2000). Victimization online: The downside of seeking human services for women on the internet, *cyberpsychology & Behavior, 3*(5), 785-796.
- Finn, J. & Banach, M. (2000). Victimization online: The down side of seeking human services forwomen on the internet. *Cyberpsychology and Behavior, 3*(2), 243-254.
- Finn, J. (2004). A Survey of Online Harassment at a University Campus. *Journal of Interpersonal Violence, 19*(4), 468-483.
- Fisher, B., Cullen, F., & Turner, M. (2000). *The sexual victimization of college women*. Washington, DC: National Institute of Justice, Bureau of Justice Statistics.

- Fisher, B., Cullen, F., Turner, M. (2002). Being pursued: Stalking victimization in a national study of college women. *Criminology & Public Policy*, 1, 257-308.
- Fitzgerald, L. F., Gelfand, M., & Drasgow, F. (1995). Measuring sexual harassment: Theoretical and psychometric advances. *Basic and Applied Social Psychology*, 17, 425-445.
- Fitzgerald, L. F., Shullman, S., Bailey, N., Richards, M., Swecker, J., Gold, A. J., & Weitzman, L. (1988). The incidence and dimensions of sexual harassment in academia and the workplace. *Journal of Vocational Behavior*, 32, 152-175.
- Frankland, A., Zablotzka, I., Prestage, G., O'Connor, S., Martin, P., (2008). *Gay Community Periodic Survey: Melbourne 2008* (GCPS Report 3/2008). Sydney: National Centre in HIV Social Research, The University of New South Wales.
- Goffman, I. (1959). *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday.
- Gossett, J. & Byrne, L. (2002). "CLICK HERE": A content analysis of Internet rape sites. *Gender & Society*, 16, 689-709.
- Griffiths, M. (2000). Excessive internet use: Implications for sexual behavior. *Cyberpsychology & Behavior*, 3(4), 537-552.
- Gruber, J. (1997). An epidemiology of sexual harassment: Evidence from North America and Europe. In W. O'Donohue (Ed.), *Sexual harassment: Theory, research, and treatment* (pp. 84-98). Boston: Allyn & Bacon.
- Hall, L. (2000). Introduction to the Special Issue: Converging terrains: Gender, environment, technology, and the body. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, 5(2), 105-108.
- Hardey, M. (2002). Life beyond the screen: Embodiment and identity through the internet. *Sociological Review*, 50(4), 570-585.

- Hawley, A. 1950. *Human Ecology*. New York: The Ronald Press Company.
- Hearn, J. (2008) Sexualities future, present, past... Towards transectionalities. *Sexualities*, 11(1/2), 37-45.
- Hiller, J. & Cohen, R. (2002). *Internet law and policy*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Ho, J. (2003). *Cyber Sex: Sexuality, youth, and cyber space*. Paper presented at The 3rd Asia Pacific Next Generation Camp: New Relationship with the Net. Taipei.
- Izenberg, N. & Lieberman, D. (1998). "The Web, Communication Trends, and Children's Health: How the Children Use the Web". *Clinical Pediatrics*, 37, 335-340.
- Joinson, A. (1998). Causes and implication of disinhibited behavior on the Internet. In J. Gackenbach (Ed.), *Psychology and the Internet: Intrapersonal, interpersonal, and transpersonal implications* (pp. 43-60). San Diego, CA: Academic Press.
- Joinson, A. (1999). Social desirability, anonymity, and Internet-based questionnaires. *Behavior and Research Methods, Instruments, and Computers*, 31, 433-438.
- Joinson, A. (2001). Self-disclosure in computer-mediated communication: The role of self-awareness and visual anonymity. *European Journal of Social Psychology*, 31, 177-192.
- Jorge, F. & Antunes, M. (2011). *Informação de Perfil no Facebook: A influência do Género e Idade*. Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Sociedade de VII Congresso SOPCOM.
- Kandell, J. (1998). Internet addiction on campus: The vulnerability of college students. *Cyberpsychology & Behavior*, 1(1), 11-17.

- Kennedy, M. & Taylor, M. (2010). Online Harassment and Victimization of College Students. *Justice Policy Journal*, 7(1), 1-21.
- Ko, N., Koe, S., Lee, H., Yen, C., Ko, W., Hsu, S. (2012). Online sex-seeking, substance use, and risky behaviors in Taiwan: Results from the 2010 Asia internet MSM sex survey. *Archives of Sexual Behavior* (Suppl. 1), 41(5), 1273-82.
- Koop, C. (1987). Report of the Surgeon General's workshop on pornography and public health. *American Psychologist*, 42(10), 944-945.
- Kraut, R., Kiesler, S., Boneva, B., Cummings, J., Helgeson, V., & Crawford, A. (2002). Internet paradox revised. *Journal of social issues*, 58, 49-74.
- Lanier, J. (2010). *You Are Not a Gadget: A Manifesto*. New York: Alfred A. Knopf.
- Larose, R., Mastro, D., & Eastin, M. (2001). Understanding internet usage: A social-cognitive approach to uses and gratifications. *Social Science Computer Review*, 19(4), 395-413.
- Lee, R. (1998, Spring). Romantic and electronic stalking in a college context. *The College of William and Mary Journal of Women and the Law*, 373-409.
- Leibs, S. (1995). Mail aggression. *Netguide*, 2(6), 71-81.
- Lessig, L. (1999). *Code and other laws of cyberspace*. New York: Basic Books.
- Leung, L. (2001). College student motives for chatting on icq. *New Media & Society*, 3(4), 483-500.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editoram 34.
- Liau, A., Millett, G., & Marks, G. (2006). Meta-analytic examination of online sex-seeking and sexual risk behavior among men who have sex with men. *Sexually Transmitted Diseases*, 33(9), 576-584.

- Livingstone, S. & Helsper, E. (2007). Taking risks when communicating on the internet: the role of offline social-psychological factors in young people's vulnerability to online risks. *Information, Communications and Society*, 10(5), 619-643.
- Marcum, C. (2010). Potential factors of online victimization of youth: an examination of adolescent online behaviors utilizing routine activity theory. *Deviant Behavior*, 31, 381-410.
- Marche, S. (2012). Is Facebook making us lonely? *Atlantic Monthly* 309(4): 60-69.
- Mcfarlane, M., Bull, S. & Rietmeijer, C. (2000). The internet as a newly emerging risk environment for sexually transmitted diseases. *Journal of the American Medical Association*, 284, 443-446.
- Mcgarth,M, G., & Casey, E. (2002). Forensic psychiatry and the Internet: Practical perspectives on sexual predators and obsessional harassers in cyberspace. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 30, 81-94.
- Mcgerly, L. (2000). "Nobody lives only in cyberspace": gendered subjectivities and domestic use of the internet. *Cyberpsychology & Behavior*, 3(5), 895-899.
- Mckenna, K. & Seidman, G. (in press). You, me, and we: Self, identity, and interpersonal processes in electronic groups. In Y. Amichai-Hamburger (Ed.), *The social net: Human behavior in cyberspace*. New York: Oxford University Press.
- Mckirnan D, Houston, E., & Tolou-Shams, M. (2007). Is the web the culprit? Cognitive escape and internet sexual risk among gay and bisexual men. *AIDS and Behavior* 11(1), 151-160.
- Mettey, A., Crosby, R., Diclemente, R., & Holtgrave, D. (2003). Associations between internet sex seeking and STI associated risk behaviours among men who have sex with men. *Sexually Transmitted Infections*, 79(6), 466-468.

- Mitchell, J, Finkelhor, D., & Wolak, J. (2003). The exposure of youth to unwanted sexual material on the internet. A national survey of risk, impact and prevention. *Youth & Society*, 34(3), 330-358.
- Mitchell, K., Becker-Blease, K., & Finkelhor, D. (2005). Inventory of problematic Internet Experiences encountered in clinical practice. *Professional Psychology*, 36, 498-509.
- Mitchell, K., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2001). Risk factors for and impact of online sexual solicitation of youth. *Journal of American Medical Association*, 285, 3011-3014.
- Mitchell, K., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2007). Youth Internet users at risk for the most serious online sexual solicitations. *American Journal of Preventive Medicine*, 32, 532-537.
- Morahan-Martin, J. (1999). *The relationship between loneliness and Internet use and abuse*. *Cyber Psychology and Behavior*, 2, 431-440.
- Mustaine, E. & Tewksbury, R. (1999). A routine activity theory explanation for women's stalking victimizations. *Violence Against Women*, 5(1), 43-62.
- Nicolaci, M. (2000). *A tecnologia da Intimidade*. Em Sociedade Brasileira de Computação (Org.), Anais do III Workshop sobre Factores Humanos em Sistemas de Computação (pp. 155-177). Porto Alegre, RS: SBC.
- Nie, N., & Erbring, L. (2000). Internet and Society: A Preliminary Report. Stanford: Stanford Institute for the Quantitative Study of Society.. *IT&SOCIETY*, 1(1). 275-283 <http://www.ITandSociety.org>
- Nodin, N., Caballo-Diéguez, A. & Leal, I. (2013). Sexual use of the internet: perceived impact on MSM'S views of self and others. *New Media Society*, 0 (0) 1-18.

- O'Connell, R., Barrow, C. & Sange, S. (2002). "Young Peoples Use of Chat Rooms: Implications for Policy Strategies and Programs of Education". Retrieved from <http://www.uclan.ac.uk/host/cru/publications>.
- Oksman, V. & Turtiainen, J. (2004). Mobile communication as a social stage: Meanings of mobile communication in everyday life among teenagers in Finland. *New Media & Society*, 6(3), 319.
- Paludi, M. & Paludi, C. (2003). *Academic and workplace sexual harassment: A handbook of social science, legal, cultural, and management perspectives*. Westport, CT: Praeger.
- Pierce, T. (2006). Talking to strangers on myspace: Teens' use of Internet social networking sites. *Journal of Media Psychology*, 11(3)<http://www.calstatela.edu/faculty/sfischo/>
- Powell, A. (2010). Configuring consent: Emerging Technologies, Unauthorized Sexual Images and Sexual Assault. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 43, 76-90.
- Pryor, J. & Whalen, N. (1997). A typology of sexual harassment: Characteristics of harassers and the social circumstances under which sexual harassment occurs. In W. O'Donohue (Ed.), *Sexual harassment: Theory, research, and treatment* (pp. 129-151). Boston: Allyn & Bacon.
- Pryor, J., Giedd, J., & Williams, K. (1995). A social psychological model for predicting sexual harassment. *Journal of Social Issues*, 51, 69-84.
- Pryor, J., Lavite, C., & Stoller, L. (1993). A social psychological analysis of sexual harassment: The person/situation interaction. *Journal of Vocational Behavior*, 42, 68-83.
- Quayle, E. & Taylor, M. (2003). Model of Problematic Internet Use in People with a Sexual Interest in Children. *Cyberpsychology and Behavior*, 6, 93-106.

- Rafaeli, S. & Sudweeks, F. (1997). Networked interactivity. *Journal of Computer Mediated Communication*, 2. Retrieved from www.ascusc.org/jcmc/vol2/issue4/rafaeli.sudweeks.html.
- Sanger, D., Long, M., Ritzman, K., Stofer, R., & Davis, C. (2004). Opinions of Female Juvenile Delinquents about Their Interactions in Chat Rooms. *Journal of Correctional Education*, 55, 120-131.
- Schenk, S. (2008). Cyber-sexual harassment: The development of the Cyber-Sexual Experiences Questionnaire, *McNair Scholars Journal*, 12(1), 1-11.
- Scott, A., Semmens, L., & Willoughby, L. (2001). Women and the Internet: The natural history of a research project. In E. Green & A. Adam (Eds.), *Virtual gender: Technology, consumption, and identity*. London: Routledge.
- Slater, D. (2002). Social relationships and identity online and offline. In L. Lievrouw & S. Livingstone (Eds.), *The Handbook of New Media* (pp. 534-547). London: Sage.
- Spears, R., Postmes, T., Wolbert, A., Lea, M., & Rogers, P. (2000). *Social psychological influence of icts on society and their policy implications*. Amsterdam: Infodrome.
- Stockdale, M., Vaux, A., & Cashin, J. (1995). Acknowledging sexual harassment: A test of alternative models. *Basic and Applied Social Psychology*, 17(4), 469-496.
- Subrahmanyam, K., Greenfield, P., & Tynes, B. (2004). Constructing sexuality and identity in an online teen chat room. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25(6), 651-666.
- Suler, J. (1999). To get what you need: Healthy and pathological Internet use. *Cyberpsychology and Behavior*, 2, 385-393.

- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *Cyberpsychology & Behavior*, 7(3), 321-326.
- Till, F. (1980). *Sexual harassment: A report on the sexual harassment of students*. Washington, DC: National Advisory Council on Women's Educational Programs.
- Turkle, S. (2004). Whither psychoanalysis in computer culture? *Psychoanalytic Psychology*, 21, 16-30.
- Turkle, S. (2011). *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books.
- Waldron, V., Lavitt, M., & Kelley, D. (2000). The nature and prevention of harm in technologymediated self-help settings: Three exemplars. *Journal of Technology in Human Services*, 17(1-3), 267-294.
- Walther, J. (1996). Computer-mediated communication: Impersonal, interpersonal, and hyperpersonal interaction. *Communication Research*, 23(1), 3-43.
- Wellman, B., Quan Haase, A., Witte, J., & Hampton, K. (2001). Does the internet increase, decrease, or supplement social capital? Social networks, participation, and community commitment. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 436-455.
- Whitty, M. (2004). Should filtering software be utilised in the workplace? Internet in the workplace. *Surveillance and Society*, 2(1), 39-54.
- Whitty, M. (2008). Revealing the 'real' me, searching for the 'actual' you: Presentations of self on an internet dating site. *Computers in Human Behavior*, 24(4), 1707-1723.
- Wolak, J., Mitchell, K. & Finkelhor, D. (2002). Close Online Relationships in a National Sample of Adolescents. *Adolescence*, 37, 441-455.

- Wolak, J., Mitchell, K. & Finkelhor, D. (2003). Escaping or Connecting? Characteristics of Youth Who Form Close Online Relationships. *Journal of Adolescent Health, 26*, 105-119.
- Wolak, J., Mitchell, K. & Finkelhor, D. (2004). Internet-Initiated Sex Crimes Against Minors: Implications for Prevention Based on Findings from a National Study. *Journal of Adolescent Health, 35*, 11-20.
- Wolak, J., Mitchell, K. & Finkelhor, D. (2006). Online Victimization of Children: Five Years Later. Washington, DC: National Center for Missing and Exploited Children.
- Wolak, J., Mitchell, K. & Finkelhor, D. (2007). Unwanted and Wanted Exposure to Online Pornography in a National Sample of Youth Internet Users. *Pediatrics, 119*, 247-257.
- Wood, A. & Smith, M. (2001). Online communication: linking technology, identity & culture. Mahwah, NJ: LEA.
- Ybarra, M., Mitchell, K., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2007). Internet Prevention Messages: Targeting the Right Online Behaviors. *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine, 161*, 138-145.
- Yurchisin, J., Watchravesringkan, K. & McCabe, D. (2005). An exploration of identity re-creation in the context of internet dating. *Advances in Consumer Research, 32*, 193-194.

ANEXOS

Experiências na Internet

CONSENTIMENTO INFORMADADO

O questionário que se segue surge no âmbito de um estudo que está a ser desenvolvido no Mestrado em Psicologia da Justiça do ISMAI - Instituto Universitário da Maia - sobre experiências dos/as estudantes na Internet.

A participação é voluntária e anónima e o preenchimento deste questionário terá a duração aproximada de 5 minutos.

Ao longo do mesmo, estão descritas as instruções de resposta, pelo que solicita-se uma leitura atenta e o cumprimento das condições apresentadas.

Não existem respostas certas ou erradas. Pretende-se conhecer a experiência única de cada participante. Portanto, agradecemos toda a sinceridade no preenchimento.

Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos e científicos, sendo toda a informação tratada de forma estritamente confidencial.

A sua colaboração é muito importante.

PARTE A

Dados Sociodemográficos

Sexo

Feminino Masculino

Curso

Ano que está a frequentar

Idade

Nacionalidade

Naturalidade

Estado Civil

Escolha uma das seguintes respostas

- Solteiro/a
- Casado/a ou União de Facto
- Divorciado/a ou Separado/a
- Viúvo/a
- Outro

Envolvimento amoroso atual

Escolhe uma das seguintes respostas

- Sem relação de intimidade no momento
- Com relação de intimidade no momento
- Outro

PARTE B

CSEQ

(S. Schenk,2008, traduzido por V. Aguiar & C. Ferreira)

Vai encontrar de seguida um conjunto de questões sobre **potenciais experiências ONLINE**, algumas das quais, de carácter bastante pessoal e íntimo porque nem sempre as pessoas são tratadas com o devido respeito na Internet.

Como se disse no início, **as respostas são anónimas e confidenciais**. Mais uma vez, solicita-se que **responda de forma sincera**, levando o tempo que necessitar.

Pede-se ainda que **leia atentamente cada uma das questões e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua experiência NA INTERNET**, devendo **optar apenas por uma das opções apresentadas**.

Por favor, assegure-se de que respondeu a todas as questões.

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe dirigiu piadas e/ou comentários ofensivos, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém o/a forçou a falar sobre coisas pessoais e/ou sexuais, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe dirigiu comentários sexuais grosseiros e /ou brutos, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe dirigiu comentários ofensivos acerca do seu aspeto, do seu corpo e /ou da sua vida sexual, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém tentou, VIA INTERNET, estabelecer consigo um relacionamento romântico e/ou sexual, mesmo sabendo que você não queria?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém, VIA INTERNET, emitiu comentários por forma a inferiorizar as mulheres (por exemplo, dizendo que as mulheres não devem usar a Internet)?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém VIA INTERNET, lhe pediu para o/a conhecer ou para ter um encontro consigo, mesmo depois de lhe ter dito que não?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém, VIA INTERNET, lhe fez observações obscenas e/ou “suja” sobre as mulheres em geral?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe chamou “lésbica”, “gay” ou algo do género, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes

- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe encaminhou um vídeo ou imagem obscenas, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém publicou um comentário sexual sobre si ou “postou” uma imagem sua com carácter sexual, NA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém tentou que o/a visse a masturbar-se, VIA INTERNET (webcam)?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém tentou levá-lo/a s ter sexo virtual através de mensagens instantâneas, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe enviou spam que remetia para o pênis ou peitos aumentados ou para sites pornográficos, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe enviou janelas de “pop-up” com ligações para sites pornográficos, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe deixou um comentário “sujo” e/ou ofensivo no seu Facebook, MySpace ou outra rede social DA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe enviou mensagens que o/a referiam a si ou que o/a questionavam sobre o seu corpo, vida sexual e /ou outras questões íntimas, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém ameaçou entrar no seu computador pessoal e causar dano caso não o/a conduzisse a atos sexuais, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém lhe enviou emails ameaçadores e/ou vírus, enchendo a sua caixa de correio eletrónico, para o/a levar a praticar atos sexuais, VIA INTERNET (por exemplo, sexo virtual)?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes

- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém o/a subornou para tentar manter contactos sexuais, VIA INTERNET (por exemplo, oferecendo-lhe dinheiro para que lhe enviasse mensagens sexuais)?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Durante os últimos 6 meses, alguém o/a assediou sexualmente, VIA INTERNET?

Escolha uma das seguintes respostas

- Nunca
- Uma/Duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- A maior parte das vezes

Muito obrigada pela sua colaboração. Se pretender esclarecer alguma dúvida ou obter outra informação adicional acerca deste trabalho, pode contactar as investigadoras responsáveis através do seguinte endereço eletrónico: experienciasinternet@gmail.com